



ORGANIZAÇÃO
Eliane Vasconcellos
Moema Mendes

CIDADE DO RIO

CORINA COARACI



Fundação  Casa de Rui Barbosa

ORGANIZAÇÃO
Eliane Vasconcellos
Moema Mendes

CIDADE DO RIO

CORINA COARACI



Presidente da República

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministra da Cultura

Margareth Menezes

Fundação Casa de Rui Barbosa

Presidente

Alexandre Santini

Diretor Executivo

Ricardo Calmon

Diretora do Centro de Memória e Informação

Lucia Maria Velloso de Oliveira

Diretor do Centro de Pesquisa

Fábio Kerche

Chefe do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira

Maria de Andrade

Chefe do Setor de Pesquisa em Filologia, História e Direito

José Almino de Alencar

Chefe do Setor de Editoração

Benjamin Albagli Neto

Projeto Gráfico do Miolo e da Capa: Tikinet

Preparação e Revisão: Eliane Vasconcellos e Moema Mendes

Produção Editorial: Tikinet

Estagiária de Produção Editorial: Barbara Souza (FCRB)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C652 Coaraci, Corina, 1858-1892.
Cidade do Rio [recurso eletrônico] / organização Eliane
Vasconcellos, Moema Mendes. — Rio de Janeiro : Fundação Casa de
Rui Barbosa, 2026.
1,84 MB ; PDF (76 p.)

Crônicas de Corina Coaraci publicadas no jornal Cidade do Rio.
ISBN 978-65-88295-63-2

I. Crônica – Coletânea. I. Vasconcellos, Eliane, *org.* II. Mendes,
Moema, *org.* III. Título.

CDD B869

Elaborada no Serviço de Biblioteca da Fundação Casa de Rui Barbosa
pela bibliotecária Letícia Krauss Provenzano - CRB7/6334

Fundação Casa de Rui Barbosa

Rua São Clemente 134, Botafogo 22260-000, Rio de Janeiro, RJ

Telefone (21) 3289-4600

www.casaruibarbosa.gov.br

SUMÁRIO

Sobre esta edição	7
Textos anotados	
5 de julho	11
12 de julho	15
19 de julho	20
26 de julho	26
2 de agosto	33
9 de agosto	38
16 de agosto	44
23 de agosto	52
30 de agosto	56
4 de setembro	62
6 de setembro	66
20 de setembro	71
27 de setembro	75



SOBRE ESTA EDIÇÃO

As crônicas apresentadas nessa coletânea fazem parte do *Cidade do Rio*. Bruno Brasil informa que o periódico era diário e vespertino constituído por quatro páginas, com lançamento em 28 de setembro de 1887, na cidade do Rio de Janeiro.¹ Foi criado por José do Patrocínio, que imprimiu em seu jornal todo o idealismo de sua campanha abolicionista, uma folha modesta, sem recursos, mas politicamente determinada. Parou de circular em 30 de junho 1902.

Sacramento Blake em seu verbete sobre Corina Coaraci diz que ela passou a colaborar na *Cidade do Rio* em janeiro de 1890, a convite de Patrocínio, para o qual passou a escrever a coluna semanal “A Esmo”, assinando somente C. Cy. A partir da informação registrada por Blake e levando em consideração que ele foi contemporâneo de Corina Coaraci, a data de seu ingresso no periódico deve estar correta. Não há, na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, o primeiro semestre deste jornal. Há uma lacuna entre as publicações de 31 de dezembro de 1889 a 4 de julho de 1890.²

¹ BRASIL, Bruno. *Cidade do Rio*. Biblioteca Nacional Digital, 3 nov. 2015. Disponível em: <https://bdigital.bn.gov.br/artigos/cidade-do-rio/>. Acesso em: 24 abr. 2026.

² Caso algum pesquisador ou instituição saiba onde este periódico pode ser encontrado, agradeceríamos muito que nos fosse comunicado.

A de 4 de julho, é constituída por duas páginas, que se encontram bastante mutiladas.

Na edição 0151, que é o exemplar de 5 de julho de 1890, um sábado, lê-se na primeira página uma crônica de Corina.³

Seus textos aparecem sempre na primeira página do periódico e ocupam um espaço significativo, de duas a três colunas, exceto a de 27 de setembro, que figura na segunda página. Há dois artigos sem vinculações à coluna “A Esmo”. São as crônicas de 2 de agosto, que traz o título “Ainda o divórcio”, e a 4 de setembro, “Candidatura feminina”. No sábado, 13 de setembro, a coluna não é publicada e há uma nota da redação justificando a ausência:

EXPEDIENTE – Privamos hoje involuntariamente os nossos leitores da interessante crônica A Esmo, com que costuma ilustrar estas colunas, aos sábados, a nossa gentil colaboradora C. Cy. Pedimos disso humilde desculpa, tão certos de alcançá-la, quanto é verdade que somos nós os mais prejudicados por uma falta, só devida a força maior.⁴

Em 4 de outubro, o periódico anunciou a sua substituição sem indicar quem seria novo responsável pela escrita das crônicas. Apenas sabemos que o novo jornalista afirmou que a substituição de C. Cy. era “tarefa por demais superior a competência e força intelectual do atual cronista”. Em 11 de outubro, a coluna não é mais publicada.

Para o preparo da edição, adotaram-se os seguintes procedimentos: as notas de pesquisa de naturezas distintas – biográficas, contextuais, vocabulares – foram elaboradas pelas organizadoras; os vocábulos e expressões estrangeiros foram traduzidos, exceto alguns de fácil compreensão, ou porque figuram em dicionários de língua portuguesa atuais.

Como as crônicas só foram publicadas no periódico, não houve como comparar com outra versão que permitisse sanar problemas de leitura decorrentes da deterioração do jornal. As partes ilegíveis estão indicadas entre colchetes. Os textos em sua maioria não possuem título, e cada um foi introduzido pela respectiva data de publicação, padronizada pelo modelo dia (numeral cardinal), mês (por extenso) e ano.

Outros procedimentos:

3 Apesar de inúmeras tentativas de localizar o periódico, todas foram em vão. O que outras bibliotecas possuem é cópia do material que se encontra na Biblioteca Nacional.

4 Não traz assinatura.

1. Atualização da grafia dos vocábulos segundo as normas vigentes, sempre tendo por base o *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa (Vôlp)*, disponível no *site* da Academia Brasileira de Letras, e recorrendo, quando necessário, aos dicionários de língua portuguesa *on-line*: o *Dicionário Houaiss corporativo*, o *Aulete digital* e o *Dicionário Aurélio da língua portuguesa* (2010).
2. Atualização da grafia dos verbos quando acompanhados por pronomes oblíquos átonos: *possuil-o* por *possuí-lo*; *têl-a* por *tê-la*.
3. Correção do acento grave indicador de crase, segundo as normas vigentes.
4. Correção dos erros óbvios de imprensa.
5. Manutenção de formas variantes em que figuram letras consoantes que ainda hoje se proferem, desde que arroladas no *Volp*: *contacto*.
6. Substituição de formas variantes em que figuram letras consoantes arroladas no *Volp*: *assumpto* – *assunto*; *factos* – *fatos*; *omnipresente* – *onipresente*.
7. Manutenção da grafia original no título dos periódicos *Jornal do Commercio*, *Diario de Notícias*, *Gazeta de Noticias* e *O Paiz*.
8. Manutenção do ditongo *ou* em *cousa*, *dous*, *afoutasse*.
9. Manutenção do ditongo *oi* em *oiro*.
10. Manutenção da inicial maiúscula quando se observou que a autora desejou dar destaque ao vocábulo: *Lúcifer*; *Povo*.
11. Manutenção de palavras em língua estrangeira, mesmo que hoje aportuguesadas, tais como: *bonds*; *tram-cars*.
12. Manutenção de iniciais minúsculas após ponto de interrogação e ponto de exclamação: “Contra ou a favor do divórcio? eis o que se deve indagar do escritor, nada mais” (2 de agosto de 1890) “Mas, Cristo santo! não era preciso nascer entre as brumas de além Reno, nem tão pouco adormecer ao som das nebulosas baladas da velha Germânia, não era forçoso ser sábio nem alemão, para andar a fazer descobertas tais!” (5 de julho de 1890).
13. Manutenção da concordância ideológica respeitada pelos editores: “cousa este algum tanto necessário”.
14. Uniformização do emprego de iniciais maiúsculas nos títulos de publicações.

15. Uniformização do recurso gráfico do itálico, nem sempre aplicado criteriosamente no original. Este procedimento foi usado para destacar: vocábulos e expressões em língua estrangeira; títulos de livros, periódicos, peças teatrais, pinturas.
16. Substituição do recurso gráfico do itálico por aspas duplas para destacar, por vontade autoral, palavras e expressões desde que não se incluam nas normas de uso do itálico.
17. Adoção da grafia em redondo nos vocábulos e expressões que, sem razão, se encontravam em itálico.
18. Adoção da inicial maiúscula em vocábulos: Congresso e Câmara sempre que se referem às respectivas instituições.
19. Opção pela grafia Belas Artes, sem hífen, sempre que se tratar da instituição.

Este trabalho, que obedeceu às etapas de localização das crônicas, digitação, cotejo com o original, estabelecimento do texto, pesquisa para a elaboração de notas e organização da edição, faz parte do projeto de pesquisa desenvolvido na Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB), com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), e contou com a colaboração dos bolsistas Giselha Magalhães Lessa e Breno Pagoto de Oliveira, aos quais agradecemos. Somos gratos também à prof.^a dr.^a Marlene Gomes Mendes pela leitura atenta destas crônicas (*in memoriam*).



5 DE JULHO DE 1890

A julgar pela semana que finda, dir-se-ia que nos circunda uma atmosfera melhor, que habitamos uma terra transformada em morada de risos, que tudo é leve e carinhoso como uma alma de criança, que tudo é sedutor e inebriante como um sorriso de mulher.

Dias cheios de luz e de azul, noites de luar intenso, brandas aragens de inverno tropical, onde o frio só recorda que são cálidos os braços do amante e o colo da mulher amada, que o aconchego dos enamorados enleios sabe melhor quando a natureza em festa conta o divino segredo dos amores do sol e das rosas, dias idealmente belos, noites como as não sonhou jamais o meigo *Souvenir*, o derradeiro sacerdote do deus que foi Eros.

Dias e noites que nos fazem pensar no ignoto sábio das sombrias florestas de além Reno, de quem nos contou *O Paiz*⁵ de anteontem a maravilhosa descoberta de “um fluido imponderável que por si só não desenvolve calor

⁵ Jornal carioca diário de grande circulação nacional, fundado por João José dos Reis, o conde de São Salvador de Matozinhos. Com sede na rua do Ouvidor, n.º 63, sua primeira edição foi lançada em 1.º de outubro de 1884. Teve sua publicação interrompida entre 24 de outubro de 1930 e 22 de novembro de 1933, encerrando sua circulação em 18 de novembro de 1934. Foram seus redatores Rui Barbosa e Quintino Bocaiúva. A imparcialidade marcou a ideologia do periódico em seus primeiros tempos, entretanto esta posição não foi mantida devido à ativa participação nas campanhas abolicionista e republicana.

nem luz, mas que produz eletricidade, calor, luz e magnetismo, quando se acha em contacto com o éter”.⁶

Actien chamou o sábio a esse fluido que ele afirma haver encontrado pelos mundos sem fim de Urânia⁷ formosa, quando bem pudera ser que o encontrasse mais junto de si, evolvendo-se dos claros olhos de alguma Loreley⁸ inconsciente que viera, fantástica visão dar vida aos etéreos sonhos que o levaram pelo imponderável mundo das amorosas quimeras.

Actien chama-se essa maravilha desconhecida, que, “ao encontrar-se com o éter, além da luz, do calor, da eletricidade e do magnetismo, produz uma substância que flutua no espaço até que, obedecendo às leis da atração, forma um corpo, cujo volume vai aumentando gradualmente...”.⁹

Mas, Cristo santo! não era preciso nascer entre as brumas de além Reno, nem tão pouco adormecer ao som das nebulosas baladas da velha Germânia, não era forçoso ser sábio nem alemão, para andar a fazer descobertas tais!

Olavo, o nosso ardente Olavo, que andou a roubar o segredo das estrelas,¹⁰ ter-nos-ia dito, há mais tempo, se o quisesse, que esse místico fluido que obedece às leis da atração já existia na Terra desde que nela existiram mulheres formosas e inspirados poetas, e que nunca lhe deram, nem mesmo na China, o país das ardentias que gelam e das neves que incendeiam, tão arrevesado nome. *Actien*, por quê?...

... Ah! sábio maldito, que com as suas fantasmagorias nos ia levando para tão longe que nem sequer ouvíamos o eco das festas realizadas e das festas prometidas no correr destes sete formosos dias!

*

Festas realizadas em que nações amigas e amigos povos trocam saudações e vivas, festas em que o estourar dos foguetes plebeus se confunde com o estourar do champanhe aristocrático, ou antes diplomático, pois que, em república não existem aristocracias, festas em que as cintilações dos fogos pirotécnicos, tão queridos do baixo povo, ficaram a perder de vista ante as

6 A notícia está publicada em *O Paiz* de 3 de julho de 1890, sob o título “*O Actien*”, informando que o autor da descoberta foi Steven Allan-Flamarion.

7 Musa dedicada à astronomia.

8 Figura germânica lendária, representada por uma sereia, que encantava os navegantes do rio Reno.

9 Corina transcreve com pequenas alterações o trecho do artigo supracitado de *O Paiz*.

10 Olavo Bilac. *Via láctea*, soneto XIII, “Ora (dizeis) ouvir estrelas!”.

centelhas de eloquência que irradiam da pirotecnia retórica tão aplaudida nos banquetes de alta sociedade!

Dançou-se e *picknickou*-se nos vales da Gávea¹¹ e nos píncaros do Corcovado, dançou-se e *flirtou*-se¹² nos salões do Cassino¹³ e no tombadilho do Riachuelo,¹⁴ onde as bocas de fogo provocaram menos temores do que o fogo desferido pelos negros olhos das brasileiras; e, ao cabo desta semana, tão cheia de emoções para os meus adorados patrícios de antanho, que não sabiam que a doce palavra – *welcome!* – se podia traduzir tão gentilmente em brasílicas terras, chega-nos a notícia de que os patrícios de alma de todos os que pensam, de todos os que enxergam na bela França a pátria de espírito, a *mère à tous*,¹⁵ projetam ainda festas brilhantíssimas e gentis, como as sabem idear cérebros franceses.

*

Só quem não viu uma criança, dessas pobres criaturas deserddadas que andam andrajosas e descalças pelas ruas, apanhar, com o júbilo de um mineiro infeliz que descobre um inesperado veio de ouro, o boneco ou o brinquedo roto e quebrado, que, das mãos descuidosas daquelas a quem não faltam mimos nem carinhos, caiu ao chão, é que poderá deixar de fazer ideia do que vai ser o “júbileu das crianças,” imaginado pelos generosos corações que pretendem festejar o 14 de julho!¹⁶

11 Região em torno da pedra da Gávea, bairro da zona Sul do Rio de Janeiro.

12 Neologismos criados a partir das palavras estrangeiras *picknick* e *flirt*.

13 Cassino Fluminense, localizado no Passeio Público, no Rio de Janeiro, fundado em 1845 e reunia a alta sociedade da época. Dissolveu-se em dezembro de 1908.

14 Encouraçado de Esquadra Riachuelo, uma das embarcações construídas pelo estaleiro Samuda & Brothers, na Inglaterra e incorporada à Armada Imperial Brasileira, em 19 de agosto de 1884.

15 Expressão francesa: “a mãe de todos”.

16 Vários jornais estamparam a festa, que aconteceria em 14 de julho de 1890. A edição do *Jornal do Commercio*, de 11 de julho, noticia: “Continuarão ativamente os preparativos para a festa franco-brasileira a realizar-se no dia e noite de 14 do corrente mês. A comissão central, organizadora dos festejos, sente-se penhoradíssima pelo acolhimento que teve no seio da população desta capital, principalmente do lado das senhoras, a ideia da organização de um ‘júbileu de crianças’”. Os donativos deveriam ser encaminhados para o tesoureiro da comissão, na rua do Ouvidor, n.º 64, Casa Costrejean. Outra comissão estava encarregada da *matiné* literária e musical e uma terceira, encarregada da ornamentação e da iluminação dos bailes populares que aconteceriam na praça Tiradentes, na praça da Aclamação e no Passeio Público. Uma marcha, denominada *marche aux flambeaux*, sairia do largo do Passo

Não há nada mais comovente, nem mais doloroso do que o espetáculo de uma criança, sem brinquedos, a contemplar os jogos e os divertimentos daquelas que possuem os tesouros tão cobiçados de uma bola ou de uma boneca! Aquele olhar tão longo, tão demorado e tão profundamente triste, que reflete como que a presciência de todas as decepções e de todas as mágoas vindouras, é de uma eloquência, de um poder persuasivo tamanho, que, se fosse dado a um homem possuí-lo, ele conquistaria um mundo.

Transformar aquela tristeza toda, aquele inconcebível desgosto que faz morrer nos lábios de um inocente o riso que Deus roubou aos anjos para lho dar, em alegria delirante, em contentamento inenarrável, que vai se traduzindo em gritos de ave, em corridas de borboleta, em risadas que retinem como “cascatas de pérolas caindo em taças de ouro”, eis o que sonharam e o que pretendem realizar os promotores da festa. Para isso, rogam às formosas damas e às mães carinhosas que concorram com uma dádiva, com um brinco qualquer, com uma ninharia, para aumentar o tesouro em que se concentram as ambições todas da infância.

Oh! senhoras, vós que sois boas, vós que sois todas formosas da formosura que vos dá a candidez de alma, mães e donzelas dai, dai a mancheias!... e depois levai à festa os vossos filhos e os vossos irmãozinhos, deixai-os confundirem-se com a revoada de anjos que lá encontrareis, e vereis que não há no mundo mais suave agradecimento à vossa bondade, do que esse que vos murmuram uns lábios rubros e úmidos de criança!

Dai, dai muito, porque a festa não será somente dos amimados da fortuna: será sobretudo a festa que os meninos felizes vão oferecer às crianças pobres, aos filhos do povo para quem a fortuna não tem mimos nem carinhos.

Dai, por amor de vossos filhos, oh! mães; dai por amor dos maternais carinhos que vos embalaram a infância, oh! filhos, para quem a infância já não sorri.

até o Passeio Público, iluminada por fogos de bengala. O *Jornal do Commercio* de 14 de julho publica a programação do evento.



12 DE JULHO DE 1890

A morte inesperada, embora tranquila e rápida, sem sofrimentos e sem convulsões, de uma criatura a quem conhecemos, mesmo de longe, sempre inspira, malgrado nosso, um indefinível pavor, um como que estatelamento angustioso, que, conquanto não o confessemos, subjuga-nos a todos, homens e mulheres, durante um minuto ou uma hora, pouco importa, mas que nos subjuga com mão de ferro, com pressão de gigante.

Quando, porém, a morte vem, brutal e cruel, abjecta e sôfrega como os animais imundos, interromper um riso que cascadeia de uns lábios de criança, deter uma corrida de pássaro perseguido por outro pássaro, arrancar de braços amigos um entezinho indefeso e atirá-lo, palpitante de vida, sob as patas de uns animais inconscientes, sob as rodas de um pesado carro carregado de passageiros, para vê-lo esfacelado e inerme com as vísceras espalhadas e o crânio em polpa, e sem voz para gemer, sem vida senão para sofrer na atroz nudez das carnes que latejam, ainda quentes do sangue que lhes vai fugindo em largos borbotões, oh! então já não é o pavor que a morte nos inspira; é o ódio, o ódio medonho na sua impotência, do fraco ante o forte, do vencido ante o conquistador, que nos domina e excita. Ante essa coisa horrível e dolorosa, que é uma criança morta violentamente, morta assassinada, o homem transforma-se em fera sedenta que tem apenas um sentimento; o da destruição.

Destruir: destruir alguma coisa, pôr em estilhaços, estraçalhar, quebrar, reduzir a nada, seja o que for; uma flor ou um outro homem, é tudo o mesmo,

contanto que, sob as suas mãos crispadas, sob os seus dedos convulsos, sinta a sensação da desforra ou da vingança. É o sentimento inato e inconsciente talvez, da paternidade, que irrompe feroz, com todos os rugidos, com todos os frêmitos de animal, e que se expande em um grito dilacerante de horror e de raiva, ante um corpinho frágil e delicado de criança, um corpinho que é apanhado aos pedaços, desfeito e mole, como o débil corpinho de um passarito implume, estraçalhado por uma carga de chumbo.

E foi por isso que a ninguém causou surpresa, que a ninguém penalizou, o movimento de justa, de santa indignação que dominou o povo no domingo último, levando-o a tentar o arrancamento e a destruição dos trilhos da Companhia de Botafogo,¹⁷ que acabava de provar, mais uma vez, a maneira por que costuma zelar a vida dos infelizes que, porventura, lhe[s] atravessassem a linha.

Durante dois dias inteiros, encheram-se os jornais¹⁸ com descrições do triste caso; narraram-se pormenores comoventes, contou-se como uma pobre mãe arrastava-se de joelhos pelo chão de um posto policial, rogando, de mãos postas, que lhe salvassem a vida do filho, e muito se clamou contra as companhias de *bonds* em geral, muito se censurou e, após tanto reboição, tanto escarcéu, uma local qualquer anunciou que a companhia criminosa mandara fazer o enterro à sua custa, e por fim apaziguaram-se os ânimos.

Na verdade! fazer o enterro da vítima já é alguma cousa, já é muito mesmo!

Podiam tê-la deixado ali, aos cães, no meio da rua, que nada tinham os jornais que ver com isso! Fez-se o enterro da vítima... Oh! caso inolvidável de inolvidável rasgo de generosidade! Se pegasse a moda, as companhias arruinar-se-iam em menos de um ano!

A companhia fez o enterro da vítima? Ai, valha-me o céu! enganei-me, creio. Quem fez o enterro não foi a companhia; essa concorreu com o corpo, o que já não é pouco. Quem pagou o enterro da mísera criança, e isso,

¹⁷ A reportagem do jornal *O Paiz* sobre a morte da criança registra informações divergentes, responsabilizando a Companhia Ferro-Carril do Jardim Botânico pelo acidente, embora todos os outros periódicos atribuam o desastre à Companhia de Botafogo.

¹⁸ Vários periódicos noticiaram o acidente ocorrido em 6 de julho de 1890, com o menino Osório, de 7 anos, que morreu atropelado na rua Gonçalves Dias, pelo bonde número 5 da linha das Laranjeiras, guiado por Antônio José Martins. O acidente provocou imediata revolta popular, que ocasionou a prisão do cocheiro. O jornal *Cidade do Rio* publicou uma nota em 7 de julho isentando o cocheiro de quaisquer responsabilidades, ao denunciar que os bondes corriam pela cidade por ordem das companhias.

a pedido da mãe, que é paupérrima, foi um particular, um representante apenas da riquíssima associação.

*

Muito se falou e muito se escreveu, como se viu; entretanto, ninguém, que me conste, se lembrou de fazer uma pergunta bem justa e bem natural. À cronista, pois, que tudo ignora em assuntos judiciários, seja permitido fazer essa pergunta:

— Não existe, porventura, em nossa legislação um único artigo, uma cláusula única que permita aos lesados, às vítimas, aos padecentes dessas poderosas companhias, que vão impunemente amontoando desastres sobre desastres, intentar-lhes um processo por perdas e danos?

Não seria possível exigir das companhias de *bonds*, que se precipitam pelas ruas da cidade, com toda a liberdade de quem se julga invulnerável, uma indenização pelos males e pelos estragos por elas causados?

Como disse, nada sei de cousas tais, sei, porém, que, em outras nações, como nos Estados Unidos, e na Inglaterra sobretudo, todas as companhias de transporte, e os particulares mesmo, estão sujeitos a processos judiciários pelos danos causados, quer físicos, quer materiais, casos todos previstos pela lei. Direi mais que, em New York e em Chicago, onde o trânsito de veículos é espantoso e onde as ruas são larguíssimas, não é permitido aos *tram-cars* (*bonds*) andar senão quase a passo. Entretanto, as somas pagas pelas companhias de *tramway*¹⁹ em indenização de ferimentos feitos a passageiros pareceriam fabulosas, se as fôssemos calcular: é que ali o mais leve arranhão é o suficiente para se lhes instaurar um processo. Imagine-se o que não pagariam lá as nossas Botafogo,²⁰ Carris Urbanos,²¹ Vila-Isabel²² etc.

19 Bonde.

20 Em 1868, começa a funcionar a Botanical Garden, companhia que servia a região compreendida pelos bairros da zona Sul, do Rio de Janeiro, partindo da rua do Ouvidor ao largo do Machado e Botafogo.

21 Fusão das companhias Locomotora, Fluminense, Carioca & Riachuelo e Santa Teresa em 1878. Essas linhas ampliaram a integração para além do centro antigo do Rio de Janeiro.

22 A Companhia Ferro-Carril de Vila Isabel teve sua formação e expansão determinadamente ligadas à formação do bairro de Vila Isabel, porque houve uma articulação entre o empreendimento imobiliário e o de transportes. Inaugurada em 1873, ligava o centro da cidade do Rio de Janeiro ao portão da Fazenda dos Macacos, em Vila Isabel.

Todas as vezes que há um desastre aqui, aparecem logo testemunhas para provar que o fato foi todo casual, e, tendo-se, o mais das vezes, o cocheiro evadido, a companhia fica impune, restando à vítima a consolação de gemer à vontade em uma padiola de polícia ou em um catre de hospital, quando não tem a ventura de morrer logo.

O fim único, o alvo supremo de todas as nossas companhias de *bonds* é um só: ganhar muito dinheiro, sem atender absolutamente à comodidade do povo que a sustenta. O único meio de derrubar essa prepotência que elas conquistaram, não se sabe como, é atacá-las diretamente no seu ponto vulnerável: o interesse pecuniário.

Não há lei que reja o caso, não há artigo do código que torne as companhias sujeitas a processos de indenização? Promulgue-se a lei, se é que realmente ela não existe, estabeleça-se um precedente, intente-se o processo, e, em pouco tempo, ver-se-á como irão diminuindo os desastres. Obrigue-se as companhias a pagar, e a pagar bem; arranque-se-lhe[s] um pouco desse dinheiro que é tão audazmente extorquido ao público, e não tardarão a cessar de todos os motivos de queixas contra os *bonds*.

*

Se foi desastrosamente que principiou a semana, outro tanto se não pode dizer da sua terminação, embora os abraços de despedida e os adeuses de amigos e de irmãos de armas, que vêm partir um companheiro e um batalhador valente, não sejam das mais alegres cousas.

Entretanto, a partida de Olavo Bilac para a Europa, esta sua tão almejada, tão sonhada viagem à Cidade-Luz,²³ despertou mais contentamentos do que tristezas, pois que todos aqueles que tinham a ventura de o haver por companheiro e por amigo, embora lastimassem a sua ausência, alegraram-se sinceramente, como irmãos, com a alegria e a satisfação que lhe iam no espírito.

Olavo vai daqui do nosso meio literário, onde se fez e se expandiu o seu estro, senhor e mestre da sua arte. Vai daqui, como para aqui chegou: triunfador. Não é um principiante, não é um quase desconhecido que vai

23 Olavo Bilac (Rio de Janeiro, 16/12/1865 – 28/12/1918), escritor brasileiro. Embarca para a sua primeira viagem à Europa em 10 de julho de 1890, a bordo do navio *La Plata*, com a função de correspondente do periódico *Cidade do Rio*, de onde envia a coluna “Jornal da Europa”. O escritor retorna da Europa em 21 de março de 1891 a bordo do mesmo navio.

haurir no velho mundo noções e preceitos literários, para depois voltar como missionário de antigas crenças e de velha fé, a nos catequizar aqui.

Ele é o genuíno, o mais puro, o mais querido missionário do moderno talento brasileiro, da forte geração dos novos, que vai levar uma parcela das nossas aspirações, do nosso valor, da nossa inteligência, do nosso sangue ardente à velha metrópole de todo o mundo pensante.

Vai dizer, com o seu engenho enorme, com o fogo do seu entusiasmo juvenil o que é e o que pretende ser o Brasil – moço, o Brasil nascido ontem, o Brasil que pensa e vive e palpita no espírito de seus artistas, de seus poetas, de seus romancistas.

Vai armado para a luta, vai ver, ele que aqui, sem auxílio de lições, estranhas, aprendeu a ver melhor do que ninguém, vai sentir e viver por nós todos e vai provar, de pena em riste, como os velhos cavalheiros de antanho, o quanto vale um talento nascido e acalentado sob o nosso generoso sol dos trópicos.

Devem enchê-lo de alegria as expressões de afeto carinhoso com que a imprensa, que lhe foi berço e estufa, saudou a sua partida, digna dos heróis que em outras eras, partiam para novas conquistas, saudados com as palmas e as flores que de longe ainda lhe diziam: “Vale!”



19 DE JULHO DE 1890

São tantos os acontecimentos da semana e tão diversos são uns dos outros, tão precipites se aglomeraram eles, chamando a atenção, atraindo os olhares, fascinando o farejador de notícias, o alvissareiro de boatos noveleiros, que a cronista permanece, confusa e perplexa, ante essa riqueza de assuntos, essa abundância de temas para as variações hebdomadárias.

Abondance de biens ne nuit pas,²⁴ diz o provérbio francês: mas nem sempre nos achamos dispostos a entrar no gozo dessa abundância, e é justamente esse o caso em que nos encontramos agora.

De todo esse acervo de novidades nem uma só nos parece bastante inócua, bastante anódina para tentar a pena erradia e despreocupada da cronista que exerce a sua função de “mirone” desprevenido e insuspeito, vendo-as passar, como enxame de abelhas zumbidoras, atento somente em conhecer-lhes o destino, em roubar-lhes o mel, sem experimentar-lhes o ferrão. E as notícias que pela semana andaram a esvoaçar mais parecem vespas do que abelhas, mais se distinguem pela sua ferroada, oculta enquanto se lhes não toca, do que pela doçura que destilam.

São mais numerosos os ferrões do que os favos, e não é difícil imaginar a que picadas malignas não se sujeitaria o cronista que se lembrasse de lhes bulir, e isso sem falar mesmo no “jubileu das crianças”, tão ansiosamente esperado por centenas de coraçõezinhos, tão simpaticamente recebido de

24. Provérbio francês: “É melhor sobrar do que faltar”.

antemão, e tão cheio de desilusões e de desapontamentos para os pobrezitos que a ele compareceram.

Pois não seria provocar uma ferroada, e das piores, comentar o que por lá, houve, contar ou repetir o que se há dito, narrar que, afora a tão prometida distribuição de brinquedos, distribuição que falhou em parte e que produziu mais desordens do que satisfação, nenhum outro elemento de alegria e de divertimento havia para consolar aqueles entesinhos, que na inocência de sua alma julgavam ir fazer uma viagem ao país das fadas?

Não falemos, portanto, no “jubileu das crianças”²⁵ e cuidadosamente, tomemos de outro assunto, menos provocador de represálias.

*

Falemos, por exemplo, um pouco do duelo que trouxe, por dois dias, o público na pontinha dos pés da expectativa ansiosa...

... Um duelo é fato tão sério, porém, tão grave, e neste de que se trata acharam-se envolvidos nomes de tão alta valia, que mal seria trazê-lo à baila da crônica, a não ser que nos aventurássemos a fazer-lhe a apologia, e a aplaudi-lo como se aplaudem todos [os] atos em que o desforço humano toma uma atitude tão digna e tão nobre como essa que coloca dois cavalheiros que se prezam face a face, para arrostar a morte em defesa de seu pundonor.

E por que não haveríamos de fazer-lhe a apologia? Desde o tempo em que nobres cavalheiros se batiam em nobres justas pelo sorriso de sua dama, as mulheres têm sentido sempre, e muitas vezes, apesar [de] seu talvez, a simpatia instintiva do desforço pelas armas. Arrostar a morte, fria e calculadamente, é indício dessa coragem viril que toda a mulher espera encontrar no homem e que a faz acreditá-lo sinceramente, lealmente, seu superior, seu amigo, seu protetor.

²⁵ Atividade inserida no cronograma das festividades do dia 14 de julho de 1890. Vários periódicos noticiaram o acontecido. *Novidades*, de 15 de julho de 1890, publica uma matéria sob o título “Jubileu das crianças”: “Esta parte das festas causou verdadeiro alvoroço no seio das famílias, que concorreram ao jardim da praça da República e Passeio Público, de modo a não poder-se regularizar o trabalho de distribuição de mimos às crianças, tal era a multidão de senhoras, cavalheiros e crianças que acometiam os pavilhões, chegando por fim, a invadi-los, o que infelizmente denota da parte do nosso povo o pouco preparo que tem ainda para festas deste gênero”. Segundo o jornal *O Brasil*, um soldado chegou a sacar sua espada para controlar a multidão. *A Estação* e *O Paiz* destacaram que muitos adultos se aproveitaram do tumulto para roubar as doações, deixando boa parte das crianças sem presentes.

O duelo, embora o acoimem de imoral, embora o condenem sacerdotes e magistrados, há de ser sempre uma necessidade, um fator onipotente no código de honra tácito que todos nós reconhecemos, e ao qual todos os que sentem no seu imo mais alguma cousa do que a necessidade da proteção a todo o transe da própria pele hão de obedecer.

✱

O duelo desta semana, porém, e em boa hora o digamos, apesar mesmo do que aí ficou escrito, não se realizou, conquanto a muitos parecesse impossível semelhante solução, inesperada sobretudo, à vista das personalidades nele interessadas. É que à sua realização opôs-se o mais alto e o mais nobre de todos os sentimentos: o do patriotismo.

Tratava-se de um caso excepcional; eram dois oficiais que se deviam bater, dois homens que muito devem à nação e à família e a quem a família e a nação muito devem, dois homens que conquistaram os seus galões em campos de honra, que têm sob seu comando milhares de soldados que deles esperam o exemplo e a lição, a disciplina e a rigidez de carácter, dois homens que, colocando-se frente a frente, de arma em punho, decididos a matar ou a morrer, iam pôr em perigo a mais sacrossanta das causas, a da disciplina hierárquica, e que iam talvez concorrer para que periclitasse a instituição que ensina o respeito do subalterno para com o superior.

O arbitramento escolhido como decisão suprema pelas testemunhas, homens todos de honra inatacável, nenhum desaire, nenhum ridículo veio trazer aos principais interessados na questão. Ambos os combatentes, ante a sentença proferida por aquele a quem, em cousas de honra, ninguém pôde dar lições, pois, que ele é a própria honra, embainharam sua espada, tão pura e tão imaculada, como no dia em que a desembainharam pela primeira vez em defesa da mãe pátria.

... Mas, Senhor do céu! para onde íamos nós com este comentário! Vespa, e não de pequeno tamanho, é esta questão do duelo.²⁶

²⁶ A *Gazeta de Notícias*, de 18 de julho de 1890, publica que, nos dias 15 e 16 do mesmo mês, houve duas reuniões no Carson's Hotel para decidir os termos do duelo de morte proposto pelos capitão-de-mar-e-guerra, Frederico Guilherme de Lorena e o capitão-de-fragata, Alexandrino Faria de Alencar, causado por um incidente ocorrido entre eles no clube Guanabarenses. Para este confronto, foram nomeadas quatro testemunhas, que concordaram com o pleito dos conflitantes pelas armas, mas entenderam que deveriam empreender todos os esforços para conseguir uma conciliação. Para isso e como era de praxe neste

Deixemo-la em paz; volvamos o olhar para o lado oposto.

✱

Alegrias, risos, abraços e músicas, eis o que se nos depara: festeja-se o sr. Felinto de Oliveira, autor do *Binóculo*,²⁷ e cuja fama nos chegou de há muito até cá. Bastante se comentou a festa promovida por alguns moços que, na leviandade de sua juventude, julgaram de bom gosto e de gentileza extrema esse divertimento, a custa pecuniária e moral, da mania, inocentíssima, de um homem que nenhum outro mal lhes fez além do de franquear-lhes a sua bolsa e o seu coração simplicíssimo.

Não foram poucas as censuras que lhes têm sido dirigidas, e, valha a verdade, bem merecidas foram elas, pois que dos lábios de um dos assistentes dessa festa ouvimos contar como lhe penalizara a atitude digna e reservada de uma esposa dedicada e inteligente perante aquelas expansões de péssimo gosto. Essa criançada não teve outro resultado senão o de magoar uma senhora digna de todo o acatamento e chamar o ridículo sobre um homem que, afora a sua nevrose poética, nada tem de ridículo, pois que, além de mostrar-se cavalheiro sempre nos seus atos ocupa uma posição social de não pequena responsabilidade,²⁸ e na qual tem conservado ileso o seu nome de homem honrado...²⁹

tipo de conflito, as testemunhas apelaram para o arbítrio do vice-almirante barão de Jaceguai que assim se manifestou, segundo a *Gazeta de Notícias* do mesmo dia: “Longe de alvitrar a solução que mais satisfatória seria ao amor próprio dos meus bravos camaradas, eu faria um apelo ao patriotismo de quem tem dado provas, para que sacrificassem os ressentimentos pessoais à disciplina militar. [...] Em resumo: penso que os meus ilustres camaradas que me constituíram árbitro neste tribunal de honra, não devem condescender em acompanhar os nossos camaradas Lorena e Alencar no encontro armado que querem ter. [...] E submetendo-se a este arbitramento, resolveram as testemunhas [...] bem como vice-almirante barão de Jaceguai, fazer ciente ao capitão-de-mar-e-guerra Frederico Guilherme de Lorena e ao capitão-de-fragata Alexandrino Faria de Alencar [que os árbitros se opuseram] por todos os meios e absolutamente a qualquer encontro entre os mesmos oficiais”. Vários jornais publicaram notícias irônicas sobre o suposto duelo.

27 *O binóculo: visita à Exposição Universal de 1889* é um livro de autoria de Felinto de Oliveira, publicado em Lisboa pela Typografia da Companhia Nacional em 1890. A obra registra as impressões e crônicas de viagem do autor português sobre o grande evento internacional realizado em Paris em 1889, que celebrou o centenário da Revolução Francesa e marcou a inauguração da Torre Eiffel.

28 Exercia a função de tabelionato.

29 O *Gazeta da Tarde*, na sua edição de 15 de julho de 1890, noticia que Felinto de Oliveira ia ser coroado no Hotel Globo e de lá sairia acompanhado de seus admiradores para cumprimentar a imprensa. O mesmo periódico, em 25 de julho de 1890, estampa: “Fizeram aqui segunda

... Mais uma vespa, como se vê, oculta nesta festa... Deixemo-la passar...

*

Daremos uma fuga até os teatros, onde há risos e aplausos para alguns, e dissabores e tristezas para muitos. É que chegou o tempo mau para os nossos empresários, vem vindo já as aves de arribação, trazendo umas asas de águia como Novelli e Coquelin, outras rufando faceiras as suas penas de andorinhas elegantes e irrequietas como Judic,³⁰ outras trauteando as cristalinas notas dos rouxinóis como Gabbi e Stahl.³¹

Dizem-nos que são esses artistas os emissários da civilização, os arautos das novas ideias, os intérpretes dos gênios de além; acreditamo-lo e julgamos que assim deve ser. Somente, não nos censurem eles por lhes dizermos que a sua missão quer dizer uma parcela do pão nosso de cada dia arrancado aos nossos pobres artistas, que da sua arte só conhecem, por enquanto, as fadigas e os trabalhos, sem lhes gozarem as glórias e o ouro conquistados em terras estranhas.

Não nos cabe a tarefa de apontar aqui qual o remédio ao mal, qual a compensação que devera tocar aos nossos servos da gleba teatral, aqueles que de ano para ano se vão extenuando na ingrata faina de divertir o público, e que, justamente quando é melhor a estação, não encontram mais público que se queira deixar divertir por eles. Escritor que dispõe de “mor” talento e mais alta competência já chamou a si a simpática missão, e estamos certas de que a sua brilhante pena conseguirá um dia para os artistas do teatro

edição, muito mais aumentada, porém menos correta, da patuscada que ali lhe haviam feito. Ali ofereceram-lhe um banquete... que ele pagou; aqui publicaram uma polianteia em honra de Felinto de Oliveira e Felinto pagou a polianteia; ofereceram-lhe uma linda coroa de louros e Felinto pagou a linda coroa; fizeram manifestação com foguetes e charanguinha e Felinto pagou a charanguinha e os foguetes; ofereceram-lhe um laudo banquete e Felinto pagou o banquete!”.

30 Ermete Novelli (Luca, 5/5/1851 – Benevento, 29/1/1917), ator italiano, Constant Coquelin (Boulogne-sur-Mer, 23/1/1841 – Couilly-Pont-aux-Dames, 27/1/1909), ator francês, Anna Judic (Semur-en-Auxois, 18/7/1849 – Golfe-Juan, 15/4/1911), atriz francesa, chegaram ao Rio de Janeiro no segundo semestre de 1890, proveniente dos países do Prata para uma temporada no Teatro Lírico no Rio de Janeiro.

31 Cantoras da Companhia Lírica Ferrari: Adalgisa Gabbi, primeira-soprano (Parma, 23/5/1857 – Milão, 16/12/1933) e Amélia Stahl, meso-soprano. Chegaram à América do Sul no primeiro semestre de 1890.

brasileiro a proteção oficial,³² proteção que terá, sem dúvida, interpretação algum tanto diversa da que lhe dá a Intendência Municipal, que vai continuando a cobrar dos teatros, com escrupulosa insistência, o seu espantoso imposto de vinte mil réis por noite.

32 O grande número de companhias dramáticas estrangeiras que aportavam no Brasil levou Furtado Coelho a propor um projeto de organização de um “teatro nacional”, tendo recebido o apoio de grande número de intelectuais. O projeto foi apresentado ao chefe do governo provisório. *O Paiz*, de 24 de março de 1890, noticia: “é provável que a pretensão do ilustre artista seja esta semana favoravelmente despachada”. Ideologicamente, o projeto implicava a valorização do teatro brasileiro e, fisicamente, a construção de um teatro bem equipado que deveria ser concluída no prazo de dois anos. “As peças de autores nacionais terão preferência, desde que sejam julgadas dignas de representação no teatro do estado; em cada estação lírica será encenada uma ópera, pelo menos, de autor nacional.” Uma medida efetiva a favor do teatro nacional foi a lei promulgada em 16 de junho de 1894 pelo prefeito Henrique Valadares, que sancionava a criação de impostos sobre as companhias estrangeiras em prol da produção teatral nacional.



26 DE JULHO DE 1890

Amores e assassinatos, roubos³³ e infanticídios,³⁴ juras de afeto e furtos de joias,³⁵ saudações de amigos em festa e gritos de naufragos, um navio que se afunda no mar sereno de uma límpida noite do luar,³⁶ uma escola que se levanta em perspectiva, todos os elementos de um longo romance de sensação, reunidos em uma só semana, eis o que se depara à pena da cronista.

Da longa lista de acontecimentos, os que mais se destacam, os que maior soma de atenções atraíram, os que mais curiosidades provocaram, foram esses em que figuram como protagonistas mulheres e amantes.

33 Sob o título “Fortuna roubada”, *O Paiz* estampa, a partir de 21 de julho de 1890, notícias sobre o caso da senhora Elvira Estevan de Fernandes, que vinha de Montevidéu com todos os seus bens estimados em mais quarenta contos de réis, quantia que foi roubada no hotel em que se hospedou no Rio de Janeiro, de onde deveria partir para a Europa.

34 Morte do menino Jacomo Brano, filho de Francisca Georjina. A criança nasceu congesta e lançando gosma pela boca, num parto feito sem um médico devido à falta de condição financeira da mãe. O jornal *O Paiz*, de 25 de julho de 1890, noticia que “entretanto os médicos da polícia no auto da autópsia feita, declararam que o óbito se produziu em consequência de asfixia por sufocação e que as contusões apresentadas no corpo revelam, por sua cor, serem de data posterior ao nascimento”.

35 Provável alusão ao furto que Vitorina Vittoire sofreu em sua residência, quando foram levados cerca de 300 mil réis e diversas joias. Para atingir seu intento, o criminoso dopou a vítima com narcótico.

36 O pacote alemão *Buenos Aires*, da Companhia Hamburg Südamerikanische, vindo da Europa, bateu contra a ilha Rasa à entrada do porto do Rio de Janeiro, no meio da noite do dia 24 de julho de 1890.

Maudsley³⁷ e Lombroso,³⁸ criminalistas e psicólogos, alienistas e literatos, sugestionistas e nevropatas são todos chamados à baila, são citados todos, e todos chegam e todos vêm emprestar o prestígio de seu nome, a força de suas teorias na palestra armada, na discussão que a todos apaixona, que a todos seduz, pois que nela se encerra o grande ponto interrogativo com que buscamos o porquê de todos os crimes: “perversidade ou loucura?”

Para uns, cifra-se tudo na aberração momentânea, no fugaz alheamento do nosso eu pensante, e o criminoso passa a ser o irresponsável, o demente.

Para outros, é a perversidade inata, é a bestialidade de há longo tempo refreada, que irrompe e domina um dia, um momento, e mostra o homem tal como ele é: mau.

Entre os que pedem para o culpado a ducha e o hospital e aqueles que exigem a algema e o cárcere, lá se vai dividindo o nosso restrito círculo de jornalistas e pensadores, de conservadores e “documentistas”, atentos todos ao motivo, ao impulso que levou a paraguaia Joana Inocência a assassinar o amante³⁹ e o italiano Mazza⁴⁰ a esfaquear o seu substituto mais feliz junto à mulher que havia possuído.

37 Henry Maudsley (Giggleswick, 5/2/1835 – Bushey, 23/1/1918), psiquiatra inglês conhecido por suas contribuições para a reflexão sobre responsabilidade penal em casos de desvio psiquiátrico.

38 Cesare Lombroso (Verona, 6/11/1835 – Turim, 19/10/1909), psiquiatra, higienista, criminologista e antropólogo italiano. Um dos fundadores da escola italiana de criminologia positivista, com Raffaele Garofalo e Enrico Ferri. O grupo sistematizou e estudou os crimes com base em métodos e pressupostos das ciências naturais. Lombroso acreditava que o criminoso era um paciente predisposto à delinquência, por conta de males hereditários que se manifestavam na forma de estigmas anatômicos, fisiológicos e patológicos. Assim, para ele, a responsabilidade do criminoso por seus crimes era questionável.

39 No dia 18 de julho de 1890, na ladeira do Barroso n.º 37, morro da Viúva, a engomadeira Joana Inocência de Lima, paraguaia, casada com Cipriano José Lima, assassinou seu amante, conhecido como João Fernandes da Silva, cujo nome de batismo era Manoel Fernandes da Silva. Após ameaças de agressão física por parte de seu amante, para defender-se, Joana esfaqueou Manoel e chamou as autoridades policiais para denunciar a execução, como se não houvesse cometido o crime. Durante as investigações, Margarida Gonçalves, com quem Joana compartilhava moradia, apresentou-se como testemunha ocular do crime e revelou os pormenores do acontecido. Joana foi absolvida em 19 de maio de 1891.

40 Na noite do dia 22 de julho de 1890, a casa n.º 10, do morro da Viúva, foi cenário de uma tentativa de assassinato com motivação passional, envolvendo a espanhola Emilia Danino, o brasileiro Francisco Aieta e o italiano João Mazza. Por sete anos, Emilia manteve um conturbado relacionamento amoroso com João Mazza, que a expulsou de casa quatro vezes. Após o último despejo, desamparada e buscando sustento, Emilia empregou-se e acabou conhecendo Aieta, com quem passou a se relacionar e morar. Movido por ciúme, Mazza abordou amigavelmente Aieta no dia 22 de julho e o atacou, de repente, com 11

E ante esses dois crimes, dos quais foi autor único o amor, ou antes o instinto da posse sexual, muitos são os que perguntam se existe realmente a loucura como a imaginaram os homens, ou se a perversidade não é apenas um vocábulo sem sentido.

Perversidade?... Loucura?... quem nos afirma que elas na realidade existem? Uma só e única cousa palpável há em relação a todos os crimes: o preconceito; o preconceito, segundo o decretou a sociedade, segundo o estatuiu a moral da nação em que, porventura, nos achamos. O que aqui horripila é além permitido: o que lá é uma cousa de nonada é aqui um delito punível.

Onde, pois, o crime?

Em parte nenhuma, ao passo que o preconceito impera em toda a parte.

*

Da paraguaia muito se há dito, e o seu crime, tão novo na sua cínica hediondez, segundo dizem uns, tão único na sua aberração, conforme pensam outros, como que de algum modo deixou em trevas o crime do morro da Viúva; entretanto, ambos são um só, filhos ambos do mesmo instinto: o do macho que se julga senhor e dono, para todo sempre, da fêmea que conquistou um dia.

É talvez áspero de dizer o que aí fica dito; mas não há ninguém, dentre aqueles que pensam e refletem, que o não haja dito, embora o fosse apenas no segredo de sua alma. Áspero de dizer, e não faltarão censuras a quem ousou escrever, assim como não faltará censura também a quem escreve que todo o homem que possui uma mulher durante algum tempo, que a teve por sua, inteiramente sua, fosse como esposa ou como amante, julgou-se sempre com o direito de influir, ainda que indiretamente, no seu destino, e vem a odiá-la no dia em que ela começa a furtar-se a esse preito e menagem que lhe é exigido.

Segundo o seu estado social, segundo o seu grau de civilização, segundo o apuro, o afinamento de seus impulsos, o homem é mais ou menos brutal no dizer o – foi minha! – com que pretende fazer a asserção do seu direito póstumo aquele corpo, àquela alma de mulher.

golpes de faca, na porta de sua casa. Ambos se conheciam há pelos menos dois anos e não haviam se envolvido em qualquer conflito até então.

Inocência, devassa ou não, pouco importa, não foi perversa nem louca; foi apenas profundamente humana. Cedeu ao único instinto que coloca o homem acima do animal, o instinto que o leva a matar e a destruir sem ser impelido pela necessidade de prover à sua fome, o instinto que o ensina a afastar de si, a remover aquilo que o incomoda.

Enfastiava-a, enojava-a aquele homem que a perseguia e a importunava, e ela matou-o, matou-o como se mata um cão que nos ataca, como se mata um mosquito que nos morde.

Se fosse uma dama de alta jerarquia delicada e culta, inteligente e calma, não o teria talvez matado, e caso tivesse julgado necessário removê-lo, tê-lo-ia feito com mais crueldade, com mais feroz frieza. Uma questão de maior ou menor apuro de educação, nada mais.

Inocência matou, e mais tarde confessou o seu crime, naturalmente, friamente, porque naquele momento, em que imperava ainda em todo o seu ser inteira a sua primitiva animalidade humana, não lhe parecia ser aquilo um crime.

Para uns, é um monstro, para outros é uma louca; entretanto, não passa de uma parcela desse conjunto de todas as monstruosidades, de todas as loucuras, que é a humanidade.

Qual de nós não foi monstro um dia, não foi um momento louco, assim como essa mulher o foi? Oh! raríssimos serão aqueles que ousarão jurar que nunca sentiram, em um lampejo rápido, em um momento imprevisto e fugitivo como um raio, o impulso de matar.

Negá-lo é mentir, e, entretanto, vamos negando sempre, porque o preconceito, o onipotente preconceito, nos subjuga e nos domina, e nos não permite dizer bem alto que um dia houve em que compreendemos a volúpia do sangue!

Muitas vezes somos detidos no cometimento de um crime por dois sentimentos únicos: o do egoísmo e o do miserável medo da polícia.

No primeiro, sobrepuja a animalidade indolente, a animalidade que se não quer entregar a todos os incômodos e a todos os sobressaltos que acarretam as consequências de um crime.

No segundo, vence o preconceito: ainda e sempre o preconceito do qual é a polícia a mais diletta criação.

No drama de sábado último há uma figura que passa quase despercebida, e que, entretanto, é a única, a verdadeira vítima. Esse marido que é arrancado brutalmente à sua obscuridade honrosa, que é encontrado entregue ao seu trabalho de homem honesto, esse marido que vê o seu nome unido para todo o sempre ao de uma esposa infiel, ao de um ente que a sociedade repudia e condena, é o sofredor supremo que não poderá encontrar compensação para a sua desgraça.

A lei condena-lhe a mulher, vilipendia-a, e o vilipendiado, o condenado é ele que não poderá aspirar jamais a constituir para si outra família e outro lar, que não poderá dar o seu nome a outra mulher, honesta e austera, a outra mulher que poderia ser mãe de seus filhos, porque esse nome tomou-lho a criminosa, a adúltera. Tem um único meio para sanar esse mal – o divórcio; mas o remédio, mas o lenitivo nega-lho a lei. Há de carregar o peso da alheia culpa, enquanto for vivo, e, se buscar no terreno da ilegalidade a consolação do seu mal, a sociedade, que será sempre o tartufo-mor de todos os tempos, apontá-lo-á a dedo e por sua vez chamá-lo-á criminoso.

*

Dado o caso de ser a criminosa absolvida, o que deve fazer o marido ante essa ré confessa de adultério?

Se tornar a chamá-la a si em um grande assomo de perdão de injúrias, a sociedade marcá-lo-á como canalha. Se a matar, condená-lo-á como assassino. E ante esse dilema que resolução deve ele tomar?

*

É forçoso confessar que a sociedade com todas as suas sutilezas, com todas as suas perversidades, com toda a sua hipocrisia, é a autora da maior das iniquidades: o casamento, tal como foi por ela imaginado e como é por ela mantido. E ninguém talvez, em nosso meio, terá apresentado melhor esse triste quadro, com todas as suas sombras, tal como ele é, do que os meus colegas e amigos Emilio Rouède⁴¹ e

41 Émile Rouède (Avinhão, 1848 – Santos, 1908), escritor, pintor, litógrafo, caricaturista, fotógrafo, jornalista e dramaturgo francês. Fixou-se no Rio de Janeiro a partir de 1880.

Aluísio Azevedo⁴² no drama – *Um caso de adultério*⁴³ – que é hoje levado à cena no Lucinda.⁴⁴

Longe de mim a intenção de fazer elogios à peça, sei que os autores empregaram nela o melhor de seu talento, o melhor de seu coração, e é quanto me basta a mim para julgá-la.

Um simples caso de adultério, narrado em três atos, rápidos, incisivos, novos, *empoignants*,⁴⁵ eis a peça.

Um marido digno e austero, um marido delicado e justo, traído torpemente pela mãe de seus filhos; um amante que é um *goujat*,⁴⁶ um delator, variedade nova de *honest* Iago,⁴⁷ e uma esposa digna do amante; eis os quatro personagens, inteiriços, de um só jato, em torno dos quais se move toda a ação.

Tornava-se necessário apresentar um marido que não obedecesse mais às convenções teatrais, um marido que não fosse nem Jorge Dandin,⁴⁸ nem Otelo, um marido juiz, dispondo de toda a calma para julgar e para punir. Conseguiram-no Rouède e Aluísio, e perfeitamente.

O seu personagem resolve o terrível problema de sua existência, conforme o seu temperamento individual; fustiga a mulher com o chicote da vergonha pública, repudia-a com o pé e atira-a, como lodo que ele a considera ser, à face do amante, para que ele, que a prostituiu, a guarde.

Mas será esta a única solução a esse caso? É possível que o seja, é a única mesmo admissível para aquele homem, que não quer matar, porque na morte da mulher ou do amante não pode haver compensação para o mal causado. Entretanto, esse homem que é honesto e digno, esse homem que

42 Aluísio Azevedo (São Luís, 14/4/1857 – Buenos Aires, 21/1/1913), escritor, jornalista, caricaturista e diplomata brasileiro.

43 Conforme nota na *Gazeta de Notícias*, estreou no dia 26 de julho de 1890.

44 Teatro inaugurado em 1880, na rua do Espírito Santo, Rio de Janeiro, pelo empresário, ator e dramaturgo português Furtado Coelho, que o nomeou em homenagem à sua esposa, a atriz portuguesa Lucinda Simões.

45 Palavra francesa: “com entusiasmo”.

46 Palavra francesa: “mal-educado”.

47 Personagem Iago, da obra dramática *Otelo, o mouro de Veneza*, de William Shakespeare. Iago é caracterizado como um homem honesto, qualidade demonstrada por suas atitudes austeras. O uso deste adjetivo evidencia as habilidades de manipulação desta personagem, o que é usado por Corina em sua crítica.

48 Personagem da comédia homônima, *George Dandin ou le mari confondu*, em três atos, escrita por Molière em 1668, que, ao longo do enredo, submete-se às traições de sua esposa.

vem chorando contar aos filhos que a mãe lhes morreu, será escarnecido pela sociedade, que o apontará como o marido da amante “do outro”.

A mulher arrastar-lhe-á o nome pela lama e continuará a ser sempre sua mulher, pois que adquiriu pelo casamento o direito indissolúvel de o chamar seu marido, e ele terá que suportar uma comiseração muito mais terrível do que o escárnio.

E no dia em que, mais tarde, tiver que responder à pergunta que, porventura, lhe faça um filho, dirá que a culpa toda está do lado daqueles que não admitem que possa haver um divórcio honrado e respeitado, em que o esposo ofendido tenha o direito de retomar o seu nome à mulher que o ultrajou, para dá-lo imaculado aos filhos, para oferecê-lo a outra mais digna de o usar.

*

Um caso de adultério estava destinado a ser a primeira peça de uma trilogia dramática, em cuja segunda parte os autores apresentariam a mulher honesta unida a um biltre, concluindo-se a obra toda com *As consequências*.⁴⁹

Seriam assim apontados os males todos nascidos de uma instituição, que, sendo a mais pura e santa na sua essência, é também a mais terrível de fato, agrilhoando para toda a vida aqueles que a ela se confiam, sem nunca ter curado da libertação das vítimas por meio do remédio único: o divórcio inteiro e absoluto.

⁴⁹ Não foram localizadas referências sobre esta trilogia de Arthur Azevedo.



2 DE AGOSTO DE 1890

AINDA O DIVÓRCIO

Tempo houve em que paladinos e cruzados, fidalgos e plebeus, cingindo a espada e revestindo a férrea armadura, lá iam em fé de seu Deus, por terras e mares batalhar a moirama e libertar o sepulcro santo. Eram tudescos e italianos, flamengos e normandos, louros filhos de Albião⁵⁰ e filhos valentes da França que seguiam o mesmo trilho, que obedeciam à mesma voz do Ermitão que lhes clamava o – “Deus o quer!” – com que os ia conduzindo à vitória ou à morte.

E na vasta corte que partia de terras da cristandade em busca dos lugares santos, muitos eram os guerreiros inimigos, muitos eram os ódios e as rivalidades que de longos tempos existiam; se a Godofredo de Bouillon⁵¹ rendiam preito uns, outros só se acurvavam a Henrique da

⁵⁰ Albião, de origem celta – *alba*, por referência às falésias brancas de Dover – ou helênica – *Αλβίων*, gigante, filho de Poseidon e deus tutelar das ilhas britânicas – Albião é um apelativo antigo para designar a Grã-Bretanha e, mais especialmente, a Inglaterra.

⁵¹ Godofredo de Bulhão (Boulogne c.1060 – Reino de Jerusalém, 11/7/1100), nobre e militar franco. Líder da Primeira Cruzada (1095), fundou o Reino de Jerusalém, tornando-se seu primeiro soberano.

Alemanha;⁵² se o estandarte de Ricardo de Inglaterra⁵³ seguiam muitos, não eram poucos os que acompanhavam o gládio do duque d'Áustria;⁵⁴ mas na grande empresa em que todos se iam empenhando, calavam-se ódios de antanho, dormitavam os partidários zelos, e só sabiam todos que eram guerreiros e cristãos atentos a um fito único.

✱

Nesta cruzada dos modernos dias em que nos imos empenhando, servidores da pena, procurando para os grilhetas dos casamentos infortunados a libertação do divórcio, que nos importa o estandarte daquele que nos vem auxiliar com o seu braço de lutador? Quer se prenda ele aos batalhadores da emancipação política da mulher, quer a combata, não nos é concedido o direito de disputar-lhe o ideal logo que se haja unido a nós no presente empenho.

A questão do divórcio não é absolutamente a questão dos direitos políticos da mulher, e sejam uns retrógrados e ultraprogressistas outros, os escritores todos que se hão apresentado na liça têm, parece-me, neste assunto um só e único fito: o de fazer triunfar ou cair o divórcio, conforme a sua crença.

Como em antigos tempos era proclamada a trégua perante a grande causa, assim deverá ser proclamada a paz temporária entre os adversários de questões estranhas à do divórcio, para que se possa discernir, pura e simplesmente, aqueles que o querem, daqueles que o repelem.

Trata-se, segundo creio, de arregimentar as opiniões amigas ou contrárias à causa, e todos os lutadores são bons, logo que seja certo o seu golpe, logo que seja valente o seu braço.

52 Henrique VI (Nîmèga, 11/1165 – Messina, 28/9/1197), nobre e imperador do Sacro Império Romano-Germânico. Rei da Alemanha a partir de 1169, sucedeu ao pai, Frederico I, Barba-Ruiva, como imperador em 1190. Por sua autoridade e por ter convocado a Cruzada Alemã (1197-1198), foi um dos principais soberanos cruzados de seu tempo, embora tenha morrido antes de acompanhar pessoalmente a expedição.

53 Ricardo I, Ricardo Coração de Leão (Oxford, 8/9/1157 – Aquitânia, 6/4/1199), militar e nobre inglês. Por sua atuação como principal comandante da Terceira Cruzada (1189-1192) e por seu heroísmo, foi aclamado como o rei mais popular de seu tempo, perpetuado por lendas populares e pela literatura.

54 Leopoldo V (1157 – Graz, 31/12/1194), nobre e militar austríaco. Foi um dos comandantes da Terceira Cruzada (1189-1192).

Contra ou a favor do divórcio? eis o que se deve indagar do escritor, nada mais.

Todas as discussões incidentais enxertadas na principal, de nenhum proveito podem ser, e aqueles que nela se empenham deveriam evitá-las como quem evita todos os empecilhos e todos os estorvos que o possam deter no seu caminho.

Serei eu, portanto, a primeira a entoar o “mea-culpa,” antes que me acusem de haver pecado contra o meu preceito, e serei ainda a primeira a pedir tréguas ao adversário de ontem até que vejamos triunfar a causa de que ambos nos fizemos hoje batalhadores.

*

Quanto à inoportunidade de discutir o assunto em vista de uma reunião próxima de legisladores, não nos parece que exista.

Ao contrário, pela discussão continuada, incessante, refletida, pela discussão que vai tornando a ideia familiar a todas as camadas sociais que nela se interessam, pela discussão em todos os terrenos em que pode dominar a pena e a palavra é que se conseguirá o fim proposto.

Todas as causas são boas e todas as ocasiões são oportunas logo que nelas se empreguem todo o talento, todo o vigor e toda a boa vontade de que se possa dispor.

Não será em um dia, não será talvez mesmo em anos, que se poderá dar por finda a campanha em que se ajustam forças desiguais agora no princípio, porque maior é o número dos antagonistas do divórcio do que os que por ele se esgrimem.

Há dois anos quase, que a sra. Mona Caird⁵⁵ levantou a questão do divórcio inteiro e absoluto na imprensa inglesa, pedindo a reforma da lei dos casamentos, e até hoje ainda não se sabe a quem pertencerá a vitória.

Aos poucos, foram se aproximando dos esgrimidores de ambos os partidos todos os grandes vultos intelectuais das duas nações que têm o inglês

⁵⁵ Mona Caird (Ryde, 24/5/1854 – Hampstead, 4/2/1932), feminista, romancista e ensaísta inglesa. Tornou-se célebre em 1888, quando seu artigo “Marriage”, publicado no *The Westminster Review*, originou um debate sobre o casamento no jornal *Daily Telegraph*, que gerou matéria intitulada “Is marriage a failure?” A feminista compreendia o casamento como um contrato jurídico entre duas partes, sendo passível de renovações e dissoluções. A comoção pública foi intensa e o jornal recebeu 27 mil cartas de leitores comentando o assunto.

por língua comum. Gladstone⁵⁶ e Roberto Ingolls, Elisabeth Stanton⁵⁷ e Wendell Holmes,⁵⁸ o arcebispo de Canterbury⁵⁹ e o arcediogo Farrar⁶⁰ foram-se aos poucos deixando arrastar pela onda que nascera entre as páginas de uma revista literária, e são eles hoje os primeiros a tomar a si a discussão.

Prouvera aos céus que o mesmo se desse aqui e que a escaramuça começada entre os cronistas da imprensa se fosse estendendo mais e mais. Com uma única exceção, não se contam presentemente na luta mais do que literatos, pura e simplesmente literatos, que nenhuma outra profissão ou carreira exercem além da literatura, e, apesar da guerra de morte movida aos velhos, quiséramos ver a estes também, com a sua experiência da vida e com o seu saber de legisladores e letrados, envolvidos na campanha.

Quem ousará negar que no dia em que os Saldanha Marinho e os Saraiva, os Taunay e os Nabuco, os Busch Varella e os Silva Costa se propusessem a dizer alguma coisa ao lado dos novos, representados pelos Brasiense e os Magalhães Castro, os Werneck e os Silva Jardim a questão do divórcio tomaria uma face mais alevantada e poderia então impor-se com mais força e mais utilidade?

E em que pese aos meus bons colegas de crônica, enquanto não conseguirmos chamar para a imprensa ou para a tribuna todos esses luminosos espíritos que foram uns, e outros são ainda, os construtores da nossa mentalidade, pouco ou nada teremos conseguido.

Tenhamos o orgulho de Lúcifer, ou mais ainda se nos aprouver, no que diz respeito à nossa individualidade; mas por Deus! esqueçamo-lo um pouco quando se trata de conquistar um bem em proveito de todos,

56 William Ewart Gladstone (Liverpool, 29/12/1809 – Hawarden, 19/5/1898), político liberal britânico.

57 Elizabeth Cady Stanton (Johnstown, 12/11/1815 – New York, 26/10/1902), abolicionista e ativista norte-americana. Comandou o movimento pelos direitos da mulher e pelo sufrágio feminino nos Estados Unidos. Em 1848, apresentou na Convenção de Seneca Falls, a *Declaração de sentimentos*, considerada um marco da demanda organizada pelos direitos das mulheres.

58 Oliver Wendell Holmes (Cambridge, 29/8/1809 – Cambridge, 7/10/1894), médico, professor, humorista e escritor norte-americano. Reconhecido por sua atuação na medicina e por sua produção literária, destacou-se também como ensaísta e poeta, sendo uma das principais figuras da vida intelectual dos Estados Unidos no século XIX.

59 Edward White Benson (Birmingham, 14/7/1829 – Hawarden, 11/10/1896), clérigo inglês. Arcebispo da Cantuária (1883-1896).

60 Frederic William Farrar (Bombay, 7/8/1831 – Canterbury, 22/3/1903), clérigo, professor e escritor inglês. Foi arcediogo de Westminster entre 1883 e 1894.

e lembremo-nos de que não seremos nós, e somente nós, mesquinhos foli-
culários, que poderemos tudo fazer.

Enquanto existir o preconceito terrível que nos condena à posição de
“folhetinistas”, isto é, de sonhadores, para muitos, tudo quanto fizermos
não passará na opinião geral, de crônicas menos mal redigidas, destinadas
a viver e a morrer entre uma local e um anúncio.

Precisamos chamar para ao pé de nós aqueles que ainda predominam no
espírito público pelo prestígio do seu talento e das suas tradições. Encaremo-
nos uns aos outros, lealmente, francamente, e seremos forçados a confessar
que nada valem como força motriz de grandes cometimentos.

Demolir, pela crônica, é, sem dúvida, muitíssimo bonito; mas conquistar
para o nosso lado todos aqueles que nos têm tido por utopistas ou revolu-
cionários, por meros serventuários das letras ou contadores de histórias,
é mais alguma cousa. É preciso trabalhar, muito e seguido para que pouco
a pouco forcemos aqueles que estão destinados a figurar como autores das
tábuas da nossa lei nacional a incluir entre as novas ordenações, a lei do
divórcio inteiro e absoluto.



9 DE AGOSTO 1890

“A maternidade como sentimento não existe! É a maior das mentiras que a mulher inventou desde que o mundo é mundo, para subjugar o homem! À sombra dessa maternidade tem-nos impingido um sem-número de exigências sentimentais, que nós, homens, vamos satisfazendo, porque a mulher soube apoderar-se assim de uma auréola de santidade que nunca existiu na imaginação!...”

Era isto, pouco mais ou menos, o que me dizia há três ou quatro dias José do Patrocínio⁶¹ em um grande ímpeto de asseverar a todo transe paradoxos insustentáveis.

Indignaram-se uns e riram-se outros que o ouviam, e da passageira palestra ninguém mais, nem mesmo ele próprio talvez, se lembre.

Entretanto, ao percorrer os jornais da semana,⁶² de novo me acode à mente o dito amargo, ao contemplar essas duas figuras de mulher, uma que

61 José do Patrocínio (Campos de Goitacazes, 9/10/1853 – Rio de Janeiro, 29/1/1905) farmacêutico, jornalista, escritor, orador e ativista político brasileiro. Redator principal e dono do jornal *Cidade do Rio*, convidou Corina a entrar para a redação, para escrever a coluna “A Esmo”. Sacramento Blake informa que a coluna estreou no início de 1890, entretanto a primeira crônica localizada é de 5 de julho de 1890.

62 Sob o título de “Suicídio” a *Gazeta de Notícias* da quinta-feira, 7 de agosto de 1890, anunciou a morte de “Josefa Maria do Espírito Santo, cearense, moradora à rua do Conde do Lages n.1, *chalet* n. 4, tomara há 4 meses, para criar, uma criança pertencente ao seu vizinho do *chalet* n. 3.” Na tarde de sábado, do dia 2 de agosto de 1890, o vizinho tomou de volta a criança, o que deixou Josefa em estado de profunda tristeza, dada a afeição que havia tomado

é mãe e outra que o não é, uma que entrega, diria, cruelmente, a filha a uma estranha que não conhece e abandona-a à porta de um hospital e outra que busca no suicídio o esquecimento da criancinha que não é sua, da criancinha que lhe arrancaram dos braços, do entezinho a quem não lhe assiste o direito de amar, e a quem, entretanto, adora como se lhe houvesse nascido das entranhas.

Qual destas duas mulheres é mãe? Essa a quem a natureza fez, ou aquela a quem a faculdade afetiva constituiu? Uma mata, pois que é matar moralmente o abandonar uma criança, outra morre. E entre as duas a maternidade não existe, pois que uma a repele e outra não a pode reclamar.

Responder-se-á que a mãe desnaturada é a exceção, é a monstruosidade, e que a maternidade é realmente santa; mas não é menos exceção, não é menos monstruosidade, monstruosidade sublime, essa mulher que, nunca tendo sentido nas suas entranhas palpitar a vida nascida de sua vida, dá, entretanto, a vida toda por não lho haver a sorte consentido senti-la.

Mãe não o foi nem uma nem outra, e é justamente a que não concebeu nunca, que vem ensinar àquela que conhecera todo o divino mistério da gestação, como é que se ama um filho.

A maternidade, pois, não existe, nem mesmo em instinto, dirá Patrocínio: o que existe é apenas a nevrose afetiva, mais ou menos desenvolvida, que prende a mulher à criança, o fraco ao fraco. E nesta simples frase terá ele feito a história toda da *Mater dolorosa*⁶³ e da Medeia⁶⁴ antiga.

**

Se nos detivéssemos por mais tempo a filosofar, chegaríamos talvez à conclusão de que acima da maternidade existem a fome e preconceito: a fome que leva a mulher a abandonar o filho que não pode alimentar,

pela filha adotiva. Deste modo, na quarta-feira dia 6 de agosto de 1890, Josefa tirou sua própria vida enforcando-se. Seu corpo foi encontrado pelo companheiro com quem vivia e, tratando-se de uma analfabeta, não havia declarações. Apesar disso, quando seu corpo foi revistado, “foram encontrados no seio, do lado do coração, o retrato do homem com quem vivia, uma camisinha e um par de sapatinhos de lã da criança a quem estimava como filha e que fora a causa involuntária do seu desespero. Toda a vizinhança interrogada, inclusive o pai da criancinha que estivera aos cuidados de Josefa, mostraram-se comovidos com aquela lúgubre cena, sendo todas as pessoas unânimes em declarar que Josefa e seu amante viviam na melhor harmonia”.

63 Designação latina para a veneração de Maria na imagem de Nossa Senhora das Dores.

64 Na mitologia grega, feitiçeira que matou seus próprios filhos para se vingar de seu marido, Jasão.

o preconceito que inibe muitas vezes a mulher mãe de fazer a asserção de sua maternidade.

Demais, já Guy de Maupassant no seu livro cruel: *Inutile beauté*⁶⁵ encetou a campanha contra a maternidade, e, de paradoxo em paradoxo, denominando a mulher fecunda de ente inferior, de máquina de reprodução, antes do que de criatura, de cousa repugnante destinada a exercer funções grosseiras e asquerosas chega a sonhar o meio de substituir a gênese humana.

Mais uma manifestação esta do amargo pessimismo que se apossou deste fim de século, em que a humanidade arroga a si o triste papel de Hamlet vagabundo⁶⁶ preso da eterna dúvida em que se abismam todos os sentimentos e todas as crenças, em que a nevrose tudo explica e a luta pela vida tudo desculpa.

✱

Para aquele, porém, que ainda sente, em quem ainda palpita viva a recordação dos carinhos maternos que porventura fruísse, a figura dessa pobre Josefa, morta aconchegando ao seio as roupinhas da adorada que a deixou, sintetiza tudo quanto ainda existe de bom e de santo na mulher. Conseguiu ela assim, na sua loucura divina, conquistar finalmente o título a que tanto aspirou em vida: o de mãe.

✱

Falando em mães, não pudera o cronista deixar passar em silêncio o nome de uma, santa e meiga entre todas, que acaba de assistir à sua própria apoteose, pois que outra cousa não era a glorificação de seus filhos.

Na simpática festa do *Diario do Commercio*,⁶⁷ a que assistimos apenas em pensamento e em coração, parece-nos que de entre todas as gentilíssimas damas ali reunidas, nenhuma houve que mais júbilo deixasse transparecer

65 Guy de Maupassant (Tourville-sur-Arques, 5/8/1850 – Paris, 6/7/1893), escritor e poeta francês. *L'inutile beauté* é uma coletânea de contos publicada pela primeira vez em 1890.

66 Protagonista da obra dramática *Hamlet*, tragédia em cinco atos de William Shakespeare.

67 No dia 7 de agosto de 1890, o *Cidade do Rio* publicou com o título de “Um vencedor” a notícia assinada por Emilio Rouède, em que falava sobre o baile de inauguração das novas máquinas de impressão do *Diario do Commercio*.

no rosto, nem mais carinhos aninhasse na alma do que a virtuosa senhora⁶⁸ que tem por filhos Fernando e Cândido Mendes.⁶⁹

Afigura-se-nos vê-la, com a sua bela cabeça encanecida radiante de alegria, abençoando aquela festa, que era sua também, pois que uma parte de seu ser era aí aplaudida, e revendo em um ápice todos os trabalhos e todos os júbilos por que passara para fazer daqueles dois filhos homens como os sonham todas as mães santas: bons e trabalhadores.

Pessoalmente não a conhecemos e não nos foi dado vê-la de perto senão uma vez, em um teatro, e ela por certo não suspeitava que ali tão junto de si havia outra mulher que a afagava com a vista e que estava a querer-lhe bem, simplesmente por vê-la tão entretida e tão risonha a escutar o que lhe diziam os filhos, que a acariciavam com um olhar tão cheio de adoração. Quem assim é amada e quem sabe amar assim, sentiu na Terra todas as alegrias que é dado a um coração de mulher sentir.

Feliz dela, que pôde abençoar os filhos no dia em que lhes foi dado provar-lhe que haviam sabido ser fortes na luta da vida, venturosos eles, que lhe ouviram o – fizeste bem! – com que as mães sabem premiar.

*

A descrição da festa do *Diário do Commercio* veio fazer esquecer, em parte, as notícias do esplêndido baile em que se congregaram a formosura, o talento e a riqueza toda de Sebastianópolis para renderem homenagem ao Chefe do Estado.⁷⁰

68 Rosalina Campos Mendes de Almeida (Rio de Janeiro, 13/5/1834 – 24/9/1913). Casada com o senador do Império, Cândido Mendes de Almeida. Mãe de Cândido Mendes de Almeida Filho e de Fernando Mendes de Almeida.

69 Cândido Mendes de Almeida Filho (Paraíba do Sul, 1/2/1866 – Rio de Janeiro, 1/10/1939), diplomata, jurista e professor brasileiro. Por meio da firma Mendes & Cia, adquiriu o *Jornal do Brasil* em 1894, tornando-se seu secretário de redação, e, posteriormente, redator-chefe e redator-gerente. Fernando Mendes de Almeida (São Luís, 26/7/1857 – Rio de Janeiro, 26/8/1921), advogado, professor de direito, político e jornalista brasileiro. Em 1902, juntamente com seu irmão, Cândido Mendes de Almeida Filho, fundou a Escola Técnica de Comércio Cândido Mendes.

70 No dia 7 de agosto, sob o título “O general Deodoro”, o *Paiz* noticiou o grandioso baile ocorrido na noite do dia 5 de agosto de 1890, no palácio do governo provisório, em homenagem ao então presidente da República, Deodoro da Fonseca. Segundo a publicação, “Foi tal a afluência de convidados ao palácio do governo na noite de anteontem, que, das 10 horas às 11 1/2 da madrugada conservou-se impedido o trânsito dos *bonds* na rua Larga de S. Joaquim e praça da República, tal o movimento extraordinário de carruagens. Calcula-se em vinte

Nunca se viu cousa igual, dizem as crônicas, nunca o luxo, a elegância e o *savoir-vivre*⁷¹ se ostentaram tão bizarramente em salões fluminenses: ficou também amplamente averiguado, que o generalíssimo resiste tão bem ao fogo de olhares faiscantes, ao tiroteio de palavras sedutoras, como em tempos resistiu ao fogo e ao tiroteio das baterias inimigas.

A apostar, entretanto, em como o velho soldado teve momentos de acreditar que é mais fácil suportar a fadiga de uma campanha de guerra do que fazer a colheita dessa extraordinária messe de cumprimentos, em que havia, quem sabe? tanto joio quanto trigo.

*

Trigo sem joio é o que representa o talento literário dos dois cronistas que a imprensa há tido por bem enviar, em seu nome, por mares fora, a representá-la em terras estranhas.

Ontem era Olavo Bilac que ia em missão ao velho mundo; hoje é Pardal Mallet que vai em busca do Prata e dos Pampas,⁷² esses dois extraordinários moços que souberam dar à crônica uma feição única no nosso jornalismo, que souberam chegar e vencer como os heróis de velhos tempos, serão os nossos vingadores junto a essas sociedades estrangeiras onde o talento e o coração brasileiros figuram ainda como cousas hipotéticas, dignas somente de se apresentarem em operetas brejeiras e em romances de costa arriba.

Ninguém mais no caso de estudar a terra em que as revoluções são uma instituição, a *fronde*⁷³ uma necessidade, do que o elegante escritor que

e cinco a trinta mil o número de pessoas que transitaram naquela rua, principalmente à noite. Baile nenhum tem sido imponente e concorrido, nesta capital, como o da noite de 5 deste mês, realizado no palácio do governo”.

71 Expressão francesa: “saber viver”.

72 Pardal Mallet (Bagé, 9/12/1864 – Caxambu, 24/11/1894), jornalista brasileiro, colaborou em quase todos os jornais cariocas. Fundou o jornal *A Rua*, com auxílio de Olavo Bilac. Foi para Buenos Aires no paquete *Tômar* em 8 de agosto de 1890 como correspondente da *Gazeta de Notícias* para cobrir a história da Revolução do Parque, que teve seu início com a tomada do parque da Artilharia de Buenos Aires, em 26 de julho de 1890. Este jornal, em 24 de julho de 1890, publica que o visconde de Saint-Léger descobriu uma orquídea e ofereceu a Pardal Malet com as seguintes palavras: “Dedico esta orquídea que descobri, ao bandeirante incólume da Evolução; ao *Fronduer* da literatura brasileira, o sr. Pardal Mallet galante estilista, marchetador de mosaicos e preciosidades literárias”.

73 Palavra francesa: “fronda”. Revolta violenta enfrentada pela França durante o reinado de Luís XIV, entre 1648 e 1653, causada pela crise econômica acometida pelo país e pela reivindicação de poder por parte do Parlamento de Paris. Os “parlamentos” na Monarquia

se apresentou logo como revolucionário de idas e *frondeur* por instinto, e que deixa de vez em quando transparecer sob a fina luva de pelica a mão nervosa e possante do guasca indomável.

Para afrontar o pampeiro que é a República Argentina só poderia ir o destemido gaúcho e meio que é Pardal Mallet.

francesa eram órgãos judiciais, e não legislativos, e eram compostos por magistrados. O Parlamento de Paris foi estabelecido por Felipe IV em 1302.



16 DE AGOSTO DE 1890

Já me não lembra em que romance de Carlos Dickens⁷⁴ encontrei um personagem, palpitante de vida e de verdade, que levava o livro todo a reclamar apenas – fatos.

Para ele, a existência inteira do homem não tinha outra razão de ser senão a de encadear fatos, quanto mais numerosos melhor. Tocava-lhe de quando em vez inspecionar a escola rural do seu distrito e então o desgraçadinho que lhe caía sob as garras como examinando, via-se atordoado ante a sempiterna exigência: “*A fact, sir! Give me a fact!*”⁷⁵

Está a me parecer que, se o personagem de Dickens por aqui aparecesse a fim de alinhar a crônica semanal, não seria por falta dos seus prediletos fatos que o deixaria de fazer.

Desde a *grève* dos encadernadores e impressores,⁷⁶ até à *grève* das irmãs de caridade, enfermeiras do Hospício,⁷⁷ desde a prometida invasão semítica

⁷⁴ Charles Dickens (Landport, 7/2/1812 – Higham, 9/6/1870), romancista inglês.

⁷⁵ A sentença proferida pelo personagem Thomas Gradgrind, do romance *Hard times*, no capítulo, “The one thing needful”, do primeiro livro da obra, *Sowing* é “In this life, we want nothing but Facts, sir; nothing but Facts!”.

⁷⁶ O *Cidade do Rio*, do dia 13 de agosto de 1890, publicou uma nota em apoio à greve dos operários encadernadores da casa Leuzinger & Filhos, que reivindicavam o cumprimento de um acordo estabelecido entre operários e donos de oficinas para trabalhar 8h por dia.

⁷⁷ A *Estação* de 31 de agosto de 1890 na coluna “Croniqueta” assinada por Eloi, o herói, [pseudônimo de Artur Azevedo] publica: “Não me mostraram merecedoras da mesma simpatia as irmãs de caridade que abandonaram o hospício da Praia Vermelha, pelo fato

até o futuro martírio do meu bom velho amigo, padre João Manuel,⁷⁸ desde a chegada de Coquelin⁷⁹ até a partida de Novelli,⁸⁰ os fatos novos e imprevistos andam a rodo pela semana que finda.

Das *grèves* a que maior sensação produziu foi, sem a menor dúvida, a das boas e piedosas irmãs, que mais uma vez revelaram a sua mansidão cristã em relação ao tratamento dos doentes confiados aos seus desvelos.

Não há três meses ainda, por ocasião do assassinato da parteira Asty,⁸¹ tive [ense]jo de lastimar a incúria que sempre há existido aqui em relação aos enfermeiros encarregados de velar pelos doentes de nossos hospitais.

O êxodo das irmãs, que tinham a seu cargo a guarda do Hospício de Alienados,⁸² vem agora confirmar que não andava eu muito errada na semi-censura feita então.

Está se tornando imprescindível o estabelecimento de um curso de enfermaria⁸³ na nossa Escola de Medicina⁸⁴ ou no Hospital da Misericórdia,⁸⁵

de lhes não darem naquele piedoso estabelecimento o ‘posso, quero e mando’ absoluto. [...], Mas não posso compreender como estas pobres mulheres, tão santas, tão resignadas, praticam atos, como esse, da *grève* do Hospício de Alienados, que não revela senão vaidade, preocupação de dominar e tolice!”.

78 Líder do Partido Conservador do Rio Grande do Norte e deputado do Império, no dia 11 de junho de 1889, proferiu seu célebre discurso na Câmara dos Deputados quando se apresentou ao Parlamento. O discurso terminou com o brado: “Abaixo a Monarquia e viva a República”.

79 Em 11 de agosto de 1890, o *Cidade do Rio* anunciou com destaque a chegada de Coquelin ao Rio de Janeiro a partir de Montevideú, acompanhado de sua companhia teatral para realizar uma temporada de espetáculos na cidade, com estreia marcada para o mesmo dia no Teatro Lírico.

80 Em 16 de agosto de 1891, o *Cidade do Rio*, noticiou na primeira página a partida de Novelli do Rio de Janeiro para Montevideú.

81 A parteira Alexandrina Asty, assassinada em 21 de maio de 1890, nas dependências do Hospital da Santa Casa de Misericórdia, com doze golpes de faca desferidos pela enfermeira Januária Coutinho de Medeiros, sua subordinada, que apresentava mau comportamento e, segundo testemunhas escutadas pela polícia, expressava insatisfação para atender às exigências de sua superior.

82 Hospício de Alienados Pedro II, instituição de saúde dedicada ao tratamento de dementes, inaugurado em 1852, na Praia Vermelha. Em 1890 foi denominado Hospício Nacional de Alienados.

83 Fundada em 27 de setembro de 1890, a Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras visava à formação de profissionais que atuariam no Hospício Nacional dos Alienados. Tendo por modelo a Escola de formação para Enfermeiros e Enfermeiras da assistência pública do Hospital Salpêtrière da França, a instituição foi inicialmente dirigida por médicos.

84 O príncipe regente d. João VI, ao transferir a Corte Real Portuguesa de Salvador para o Rio de Janeiro em 1808, funda a Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica do Rio de Janeiro. Foi instalada no Hospital Militar do Morro do Castelo.

85 Fundado por José de Anchieta (século XVI), a instituição era formada por uma irmandade leiga, visando aos cuidados de saúde pública.

curso congêneres aos que existem nos mais adiantados países da Europa e da América do Norte.

Só assim será possível ao médico e ao próprio diretor das casas de caridade destinadas a receber doentes, libertar-se da tutela exercida de há tanto tempo pelas irmãs de caridade, enfermeiras “únicas” que temos conhecido.

Um curso franqueado a ambos os sexos, um curso em que esses novos estudantes encontrassem desde logo compensação em relação direta aos serviços que, porventura, prestassem, um curso que lhes desse direito, uma vez findo, a exigir da escola um diploma que os colocasse em posição tão honrosa como a das parteiras e dos farmacêuticos, não seria difícil de estabelecer, e ele viria de vez pôr cobro à ideia de aviltamento que sempre acompanha a profissão de enfermeiro.

À Escola de Medicina já se acha anexa uma Maternidade;⁸⁶ não seria insuperável dificuldade, creio, anexar-se-lhe também um curso prático e científico de enfermagem.

Redizer aqui o que já foi por mim dito uma vez, seria, sem dúvida, uma sensaboria, e nenhuma frase por mim escrita teria a eloquência que teve o embaraço em que se viram durante algumas horas, os diretores do hospital de loucos.

Verdade é que já se iniciou no Hospício o serviço leigo, mas mesmo assim continuam os médicos e os doentes a depender exclusivamente do estrangeiro⁸⁷ para a boa organização científica do serviço de enfermagem.

Se as providências já não tivessem sido tomadas, é bem possível que a esta hora os desgraçados loucos estivessem entregues à guarda de pessoas ineptas e sem prática; não deixa, porém, de ser uma lição bastante severa, e oxalá que não seja ela esquecida, e que venha demonstrar, a quem de direito, que é melhor prevenir do que remediar.

*

De irmãs de caridade para padre não é tão enorme a distância assim, que não me seja permitido referir-me, se bem que de leve, ao velho padre João Manuel, que, não contente com o tremendo anátema, lançado há

86 A ideia de criar maternidades anexas às Faculdades de Medicina é decorrente da lei de 28 de abril de 1854.

87 As freiras eram, na maioria, francesas inicialmente, da Congregação das Irmãs de São Vicente de Paulo, que depois passaram a contar também com irmãs brasileiras.

tempos, contra a política, suas pompas e suas vaidades, vem agora proferindo o terrível “raca”! “raca”! “raca”! dos dias nefastos.

Inimigos cruéis e perversos embrulharam o meu astutíssimo amigo, que, reenfronhando-se na sua negra batina, envolveu-se de novo em toda a sua ingenuidade e *san[c]ta simplicitas*,⁸⁸ de seminarista, ambas algum tanto esquecidas, seja dito, nas lides políticas; embrulharam-no e o meu bom velho vai correndo o risco de ser o primeiro santo a figurar no novíssimo martirológio dos brasileiros bem-aventurados.

A apostar em como o ex-deputado está a estas horas a dizer ao padre que melhor fora não ter abandonado a tribuna parlamentar pela sagrada, o discurso pela prédica. Nos bons tempos de outrora não o embrulhavam assim tão facilmente os inimigos cruéis e perversos. Demais, talvez fosse melhor ter sido condenado como revolucionário, quando gritava em plena Câmara monárquica o seu então tremendo – “Viva a República!” do que ser hoje martirizado por se mostrar sacerdote demasiado ingênuo, casando, antes da lei, um par que talvez amanhã esteja a pedir ao diabo e ao mundo que o descasem.

Pela última vez que falei do estimado padre, quis o acaso que lhe pudesse unir o nome ao de Furtado Coelho;⁸⁹ quer o acaso agora que de novo falando no sacerdote me acuda também o desejo de falar no artista.

*

Bem sei que na época atual, quando os espíritos todos só têm atenção para Coquelin, só tem mimos para Judic, parecerá a muitos fora de vila e termo referir-me ao artista que, se tivesse tido o mesmo ensejo de brilhar pelos palcos que Coquelin iluminou com o seu grande talento, talvez não tivesse que lhe invejar os universais aplausos.

Mas de Coquelin, por enquanto, referindo-me a esta sua temporada, nada posso dizer, pois que ainda não me permitiu o luto vê-lo no teatro. Posso, porém, falar de Coquelin furioso, de Coquelin furibundo, de Coquelin adorável a esbravejar contra *un tas de brigands*⁹⁰ de quem não me permite a discrição revelar o nome. Ah! se os seus amigos o vissem nesse momento,

88 Expressão latina: “santa simplicidade”.

89 Furtado Coelho (Lisboa, 28/12/1831-13/2/1900), ator, empresário e dramaturgo português. Fez carreira no Brasil, tornando-se um dos atores mais populares do final do século XIX.

90 Expressão francesa: “um bando de malfetores”.

se lhe observasse os vivíssimos olhos azuis que haviam adquirido nos ímpetos da raiva uns reflexos de aço, se lhe notassem a sua fisionomia móvel e expressiva acompanhando as frases que lhe acudiam rápidas e ríspidas aos lábios, seriam capazes de o aplaudir e de dizer-lhe que nunca fizera ele uma cena com mais graça e mais encanto. É que as fúrias de Coquelin, a julgar pela que presenciei, revelam também a característica [de] individualidade do artista, em que se vai concentrando agora toda a inimitável elegância, todo o picante sabor do espírito gaulês.

De Judic contam-me que é a mulher que se fez graça, a graça que se fez *couplet*,⁹¹ dizem-me que a adorável *divette*⁹² parisiense nos veio mostrar o que é a cançoneta de que tão belas notícias nos davam.

Não é de Judic, porém, nem de Coquelin que me posso ocupar agora; é de Furtado Coelho, não como ator, não como empresário, mas de Furtado Coelho como compositor.⁹³

*

Com a sua gentileza de cavalheiro, quis conceder-me, a mim, fora do teatro, o prazer de ouvir as primícias da música que escreveu para o *vaudeville*⁹⁴ de Navarro de Andrade – *Os ratazanas*.⁹⁵

Sabia-o pianista, não o conhecia como êmulo de Lecocq.⁹⁶ Os trechos que ouvi, infelizmente para mim, poucos e demasiado curtos, revelaram-me o artista sob uma nova e brilhante face do seu grande talento. Fiquei surpreendida e encantada, e deles lembro-me com delícias de uma balada de campônio e uma *villanella*⁹⁷ de uma rusticidade adorável, em que o ritmo e o tom *sui-generis* das melodias pastoris são conservadas em toda

91 Palavra francesa: “canção”.

92 Palavra francesa: “cantora de opereta de renome”.

93 Apesar de uma atividade musical regular, a carreira teatral foi mais bem-sucedida. Compôs vários gêneros como valsa, recitativos de salão, música teatral, melodrama, hino, modinha, polca, quadrilha.

94 Palavra francesa: gênero teatral de variedades, originário da França, caracterizando-se pela encenação dramática, em geral cômica, associada a números musicais e até mesmo acrobáticos.

95 Navarro de Andrade (Porto, 28/8/1835 – Rio de Janeiro, 23/4/1891), jornalista e teatrólogo português. Fixou residência no Brasil em 1879. O *Cidade do Rio* de 22 de setembro de 1890 noticia que “O *vaudeville* ornado de música de Furtado Coelho – *Os ratazanas* – que Navarro de Andrade escreveu para o Lucinda, tem agradado extraordinariamente”.

96 Charles Lecocq (Paris, 3/6/1832 – 24/10/1918), compositor francês de opereta.

97 Palavra italiana: “canto pastoril”.

sua pureza; um minueto de extraordinário mimo e ao som do qual a gente se recorda da linda fantasia de Gonçalves Crespo⁹⁸ em que ele nos conta como uma formosa Pompadour descia do seu quadro de oiro para bailar a faceira dança dos velhos tempos,⁹⁹ e finalmente um romance que será com certeza popularizado em pouco, e no qual o malicioso estribilho – “ele que o diz...” pode ser comparado com vantagem para Furtado, ao que de melhor temos ouvido em nossos teatros de opereta, quer fosse nossa ou estrangeira a música.

✱

Primícias também m’as ofereceu Antônio Parreiras,¹⁰⁰ mostrando-me anteontem o quadro que hoje expõe e com o qual pretende responder àqueles que o acusam de carrancismo por se deixar ele ficar na Academia de Belas Artes.

Nesta questão que se levantou, como, aliás em todas as questões de arte e de literatura que, porventura, se levantem, hei pretendido e pretendo sempre conservar-me alheia a toda e qualquer influência pessoal, a toda e qualquer imposição de *coterie*,¹⁰¹ restringindo-me somente à minha impressão individual, conservando-me absolutamente neutra em todas as guerrilhas de *atelier* e rusgas de literatos.

98 Gonçalves Crespo (Rio de Janeiro, 11/3/1846 – Lisboa, 11/6/1883), jornalista, poeta brasileiro.

99 Possível referência ao poema “O minuète”, dedicado ao dr. Thomaz de Carvalho, publicado nas *Obras completas*, Lisboa, 1897. Neste poema, ao descrever um luxuoso salão, Gonçalves Crespo se atém aos retratos de grandes personalidades ali dispostos. Não há uma referência clara à Madame de Pompadour, entretanto, fala-se de um bailado com uma dama que desce da moldura de um dos retratos “E vi descer do quadro a lânguida açafata / Que, ao discreto palor das lâmpadas de prata, / A fimbria alevantando azul do seu vestido / O rosto acerejado, o gesto comovido, / A sorrir, deslizou graciosa no tapete, dançando airosamente o airoso minuète...”.

100 Antônio Parreiras (Niterói, 20/1/1860 – 17/10/1937), pintor, desenhista, ilustrador e professor brasileiro. Entrou para a Academia Imperial de Belas Artes em 1882, cursando as aulas de paisagem, flores e animais. Em 1884, abandona a Escola e segue como integrante do chamado Grupo Grimm que reunia diversos outros pintores dedicados à pintura ao ar livre nos arredores de Niterói. Em 1888, graças a um prêmio conquistado na Academia, seguiu para a Europa, onde ampliou sua formação artística. Retorna ao Brasil em junho de 1890, e é nomeado professor de paisagens na nesta instituição. Desliga-se definitivamente da Academia em 14 de novembro de 1890 para fundar a Escola ao Ar Livre, dedicada a uma proposta inovadora de ensino artístico.

101 Palavra francesa: “confraria”.

Se me ocorre dizer isto agora, é porque se me oferece ensejo de responder à acusação de má vontade para com – os novos – e os reformadores de belas-artes que me fez há dias um amigo.

Ninguém mais do que eu tem demonstrado o alto conceito que faz de Rodolfo Bernardelli;¹⁰² e de Décio Villares,¹⁰³ ninguém mais do que eu os admira: mas não será esse um motivo, certo, para que eu deixe de dizer francamente, lealmente aquilo que penso daqueles que nem sempre os aplaudem no que diz respeito ao seu modo de ver as questões de arte, ou que nem sempre lhes querem seguir os preceitos.

Atelier livre¹⁰⁴ ou Academia, é-me inteiramente indiferente, logo que a meus olhos a arte se conserve pura, logo que os resultados de um ou de outra produzam sobre o meu espírito impressão em harmonia ao ideal de arte por mim formado. Não quer isso dizer que tenho a pretensão de entender de artes como entendem dela os mestres; tenho porém a imperdoável veleidade de conservar-me independente, dizendo simplesmente o que penso e subscrevendo o que digo.

Parece isto uma espécie de programa. Será; mas ao menos ficará uma vez por todas definida a minha posição de cronista, cousa esta algum tanto necessário¹⁰⁵ por estes tempos que correm, em que tudo se divide em partidos, filiações e escolas. Não vai nisso ideia de ofensa a quem quer que seja; é apenas uma declaração de independência.

Sei que Antônio Parreiras tem sofrido guerra,¹⁰⁶ sei que elogiá-lo nesta época é aos olhos de muitos, falta indesculpável, sei que me exponho talvez

102 Rodolfo Bernardelli (Guadalajara, 18/12/1852 – Rio de Janeiro, 7/10/1931), escultor mexicano, estudou na Academia Imperial de Belas Artes, no Rio de Janeiro, entre 1870 e 1876. Estudou em Roma e, na volta ao Brasil, lecionou nesta escola. Entre 1890 e 1915, torna-se diretor da recém-fundada Escola Nacional de Belas Artes.

103 Décio Villares (Rio de Janeiro, 1/12/1851 – 21/6/1931), pintor, escultor e caricaturista brasileiro. Estudou na Academia Imperial de Belas Artes.

104 Referente à escola de Georg Grimm. O termo é utilizado para descrever o espírito independente, contrapondo-se ao espírito rígido da Academia.

105 “cousa esta algum tanto necessário”: concordância ideológica respeitada pelos editores.

106 Embora não seja próxima à data de publicação da crônica, localizamos uma nota publicada em 31 de maio de 1890, p. 3, na *Revista Illustrada* de autoria de Dominó Sobrinho: “Um dos nossos honrados colegas, noticiou a nomeação do sr. Antônio Parreiras para professor interino na aula de paisagem da nossa Academia de Belas Artes. A falta de outros esclarecimentos e julgando o caso pela simplicidade da notícia, é difícil avaliar o critério desta nomeação, feita sem a formalidade do concurso e mesmo sem se julgar da competência do artista, pelo que a crítica tem dito. É mau isto; tanto mais que não se pode justificar esta nomeação pela falta de pessoal habilitado. Há, pelo menos, afora o sr. Parreiras, quatro paisagistas distintos,

a acres censuras; entretanto tudo isso não me impedirá de dizer que lhe acho o último quadro esplêndido de verdade, que o considero trabalho de mestre, e que bem andou ele respondendo por esse modo a quem o acusa.

Com o mestre trabalharam no mesmo ponto diversos discípulos, e foi então que Parreiras inaugurou os seus cursos ao ar livre, únicos admissíveis para um paisagista. Não tardará em que ele faça uma exposição dos quadros de seus alunos,¹⁰⁷ e ver-se-á então com que cuidado procurou ele deixar a cada discípulo a sua maneira individual de ver; mestre e sobretudo guia foi ele, e os discípulos conservaram sob suas vistas todo o seu característico, toda a sua nota distinta que os vai diferenciando uns dos outros.

Não é só como pintor que estimo tanto Antônio Parreiras, é também como escritor. É uma revelação esta que faço, e que ele na sua selvageria é muito capaz de me não perdoar. Entretanto, já que nesse assunto toquei, contarei que ele é um escritor adorável, possuidor de um estilo singelíssimo, sem atavios nem arabescos de frases, um folhetinista mimoso que tem o raríssimo dom de escrever como sente, e de impor o que sente a quem o lê.

Somente, tem um defeito como literato: o de esconder zelosamente tudo quanto escreve, de modo que só à força de um roubo à mão armada é que se lhe pode arrancar da secretária uma carta ou uma fantasia.¹⁰⁸

Modesto e bom, possuidor de um imenso talento quase tão grande como o seu coração, por que haveria eu de negar o nome de grande artista a Antônio Parreiras?

cujos quadros são conhecidos e atestam mérito superior – mérito também registrado e conhecido do público. Mas o que está feito, feito está; só nos restando a consolação de dizer aos nossos leitores, que o sr. Parreiras encontrará na aula que vai reger um discípulo que lhe dará lições de desenho...”

¹⁰⁷ Em 30 de maio de 1892, com 92 obras, foi inaugurada, uma exposição com trabalhos de Antônio Parreiras e de seus alunos Júlio Seabra, Madruga Filho, Matilde Ferreira e Paulo Furtado de Mendonça, no largo de São Francisco de Paula, no salão do prédio do jornal *Cidade do Rio*.

¹⁰⁸ Os escritos de Parreiras só vieram a lume em 1926, com a autobiografia intitulada *História de um pintor contada por ele mesmo*. Além disso, deixou conferências que foram lidas na Academia Fluminense de Letras. Em 1894, colaborou com o jornal *O Estado de S. Paulo*.



23 DE AGOSTO DE 1890

O único acontecimento artístico da semana realizou-se tão em surdina, tão à capucha quase, que, até o momento em que escrevemos, poucos são aqueles que, fora do nosso restrito círculo de amadores e pintores, têm notícia da primeira exposição de pintura de Belmiro de Almeida.¹⁰⁹

Sabem todos, entretanto, como o jovem pintor foi enviado a Roma por um grupo de amigos que se cotizaram para lhe fornecer os meios de estudar na Europa. Há dezoito meses que lá está, seis dos quais teve de lutar contra a terrível malária, o flagelo da *Campagna Romana*.¹¹⁰

Não desejando que os seus generosos amigos o acusassem de se haver descurado do trabalho, Belmiro enviou o que conseguiu fazer durante o tempo em que o não prostrou a moléstia, e ainda assim remeteu uma ou duas telas por terminar. Era-lhe preciso demonstrar que não fora vadio, era preciso dar aos seus protetores uma prova de que os não enganara o talento em que haviam confiado, e, parece-nos, não há motivo algum para que se não congratulem eles pelo auxílio dado ao artista.

¹⁰⁹ Belmiro de Almeida (Serro, 22/5/1858 – Paris, 12/6/1935), pintor, desenhista, caricaturista, escultor, professor e escritor brasileiro. Segundo o periódico *Gazeta de Notícias*, de 20 de agosto de 1890, “No barracão do largo de São Francisco de Paula, onde funciona provisoriamente o Ateliê Livre de Belas Artes, será inaugurado amanhã [21 de agosto] a primeira exposição de pintura do artista Belmiro de Almeida, que está estudando em Roma”.

¹¹⁰ Italiano: epidemia de malária que assolou a região das planícies pantanosas que circundam a cidade de Roma.

As telas enviadas por Belmiro, doze ao todo, estão longe de ser obra de mestre, mas ainda assim revelam um grande esforço, um enorme progresso que o levarão, por certo, em pouco tempo, a ocupar a posição a que aspira.

Basta ver a sua *Cabeça de velho* – para reconhecer que no seu pincel há muito vigor e muita verdade. Diríamos que é uma cabeça que “fala”, se não fosse o receio de algum trocadilho. Parece que aquele velho, de olhar vivaz, de rugas cavadas em que se pressente o cinismo de seu riso, vai nos contar alguma história de roubos à mão armada, de contrabandos, de guerrilhas; não é um velho encanecido em labores honrados, aquebrantado por longos anos de luta em um labutar honesto. É uma cabeça de pervertido que ali está, e talvez todo o encanto do quadro esteja justamente nessa expressão de maldade latente, de maldade em repouso que se não manifesta, mas que se prevê. Uma cabeça cheia de vida com a qual deve estar satisfeito o mestre a quem foi dedicado o trabalho.

Nas paisagens não é menos notável o progresso do artista.

Muita transparência de ar, muito fundo, muita largueza de perspectiva.

A *Estrada empoeirada* é a melhor de todas: o pó fino, esbranquiçado, que se levanta em turbilhões a menor rajada de vento, que tudo invade e em tudo penetra, está bem verdadeiro, bem sentido.

Foi menos feliz nas duas cabeças de mulher. Na que tem o n. 2 teve o pintor que lutar com a desgraciosidade do modelo, cousa essa que de algum modo influi na impressão produzida sobre quem contempla a obra.

Além disso, os contornos estão muito duros, a figura toda parece recortada à tesoura e colada ao pano do fundo, aliás admiravelmente pintado.

Na *Contadina*,¹¹¹ a infelicíssima ideia de empregar por fundo um pano branco listrado horizontalmente de amarelo destruiu toda a beleza da cabeça, que ficou assim presa entre duas listras de péssimo efeito.

Do *Ciociaro no studio*¹¹² só temos a dizer bem. A figura destaca-se suavemente; há muita nitidez de contornos, sem a dureza dos dous precedentes quadros, e a composição toda é cuidada. Pena é que as péssimas condições de luz e a exiguidade de espaço do local em que se acham os quadros, não permitindo o suficiente recuo, concorram tanto para que o *Ciociaro* não produza o brilhante efeito que deveria produzir.

A primeira exposição de Belmiro não é cousa de extraordinário valor artístico, e mal andaria o amigo que o quisesse persuadir do contrário; é,

¹¹¹ Palavra italiana: “camponesa”.

¹¹² Habitante da Ciociaria, região do Lácio Meridional.

entretanto, a prova de um esforço bem encaminhado na boa direção; e mais ainda: é a confirmação das promessas dadas pelo seu talento, é o penhor de que procurará fazer muito mais, e sobretudo muito melhor.

*

Se pouco se há falado nas pinturas de Belmiro, em compensação muito se há dito sobre o homem “tatuado” que oferece aos curiosos o espetáculo de um gênero de pintura que ainda não figura no mundo das artes belas.

Tem inspirado todas as comiserações, todas as simpatias esta vítima de bárbaros costumes que nos vem contando tão extraordinárias cousas, tão maravilhosas histórias; está nos parecendo, porém, que lhe não foi tão aziaga assim a sorte, pois que vai vivendo dela, e mais do que vivendo, vai enriquecendo.

Um homem que não precisa depender da problemática pele de urso para auferir proveitosos lucros, um indivíduo que tem na própria pele a sua fortuna, documentada como se fosse em precioso pergaminho, não é o infeliz o desgraçado que se julga.

Verdade é que, se quiser empreender alguma viagem a Citera,¹¹³ corre o risco de ser apontado a dedo e corrido a pau; mas não é somente de amores que se vive, e antes viver à custa da própria pele do que à da pele alheia.

A história do capitão Costentenus¹¹⁴ é a história de nós todos, pois que todos nós, mais ou menos, somos os “tatuados” da Tartária que tem por nome a maledicência. O grego do Hotel Freitas ao menos vê e apalpa a marca que lhe deixou a bárbara punctura, conhece quem lha fez, sabe o nome do seu algoz e só lhe pode censurar a dor física que lhe infligiu, ao passo que nós outros, inconscientes, o mais das vezes, do ferimento feito pela unha da calúnia, mais afiada ainda do que o estilete dos mongóis, atravessamos a vida com o sorriso nos lábios e a alegria na alma, amando a quem nos arranha, bem-dizendo de quem nos macula, ignorantes da tatuagem maldita, porque a não vemos, porque a não apalpamos.

¹¹³ Ilha grega, local de culto a Afrodite.

¹¹⁴ George Costentenus (Albânia, 17/4/1833 – [1894?]), aventureiro e pirata. A imprensa do mês de agosto de 1890 noticiou que em 18 deste, Costentenus chegou ao Brasil para apresentações como atração turística. Isso deveu-se por ter o corpo tatuado com 380 figuras distribuídas dos pés ao crânio, com exceção do nariz. Tatuagens estas, provenientes de suplícios que sofreu quando se encontrava preso, como revolucionário político, na Tártara, capital de Tauscaus na China.

E é nisso talvez, nessa cegueira moral, que se baseia toda a nossa ventura, todo o nosso contentamento, porque, ai! de nós se nos fosse dado conhecer, se nos fosse concedido saber que alheios olhos, que alheios dedos enxergam e apontam os traços e as marcas feitas pela punctura de afiada língua malévola, punctura que não vemos, mas que entretanto pressentimos.

Longo e triste capítulo da existência humana é esta história dos tatuados da vida dos estigmatizados da mundana perversidade, e nenhum de nós jamais poderá jurar que não é vítima e que não foi algoz.

Na grande oficina de tatuagem fluminense, nessa rua do Ouvidor¹¹⁵ que diariamente percorremos de alto a baixo, e que tanto se assemelha a uma ruela de aldeia em que só transitassem solteironas invejosas, todos nós temos dado a nossa espetadela na pele do próximo, e quer nos divirtamos apenas com um ligeiro arabesco, quer nos demoremos a ferir profundamente, a sensação experimentada nos é sempre grata, pois que a temos como desforra prévia do arranhão que nos dará por sua vez o próximo.

Nada tem que invejar aos homens de pele aparentemente intacta o “ilustrado” Costantenus, e console-se do seu dissabor pensando que, por não serem tão visíveis as tatuagens sociais de seus *consimiles*,¹¹⁶ não deixam por isso de ser menos feias.

Demais, se lhe não bastar essa consolação, poderá lembrar-se de que é a mais viva manifestação da arte tártara que tem aparecido no mundo civilizado, o que já não é pouco.

115 Rua histórica do centro do Rio de Janeiro que data de 1567, denominada, à época, Desvio do Mar. Por força popular, em 1780, o caminho consolidou-se enquanto rua do Ouvidor.

116 Palavra italiana: “semelhantes”.



30 DE AGOSTO DE 1890

Menos um lutador nesta terrível batalha de imprensa, onde, na tremenda refrega, caem tantos anônimos, onde tantos desconhecidos revelam-se heróis pelo espaço de uma hora, de um instante, e depois desaparecem, fantasmas do talento; e se afundam no grande silêncio de onde saíram e para onde voltam, deixando apenas um leve rastilho da sua presença, efêmero sinal gravado em areias movediças, brilho de pirilampo que desaparece fugaz como um lampejo, que reluz apenas para tornar mais densa a treva que os precedeu, mais intenso o negrume que os segue.

Menos um lutador na batalha, menos um forte, pois que o era, e dos mais valentes; menos um companheiro de armas. E todos aqueles que o viram rir num dia e o souberam morto no outro, estacaram no seu pelejar, surpresos ante a brutalidade do destino, inesperado e mau, que o arrancou assim à vida, de súbito, furtando-o às alegrias que o esperavam ao amanhecer de um novo dia, roubando-o aos infantis carinhos de quem na véspera ainda aprendera a abençoá-lo com o nome de pai.

Era um forte, era um batalhador esse pobre moço, que tão cedo se finou; era sobretudo um tenaz, um persistente, esse Oscar Pederneiras,¹¹⁷ a quem

¹¹⁷ Oscar Pederneiras (Rio Pardo, 12/6/1860 – Rio de Janeiro, 25/8/1890), advogado, humorista, jornalista, escritor e dramaturgo brasileiro. Faleceu em decorrência de uma pneumonia

tantos negaram talento e engenho, quando em vida, a quem todos fazem justiça agora que é morto.

Fizera do riso uma arma, e ria-se daqueles que porventura a procurassem menosprezar, ria-se daqueles que se lhe mostravam desafeiçoados, ria-se e trabalhava sempre. Oh! é preciso que se digam certas verdades em certas ocasiões, e não é insultar um morto dizer o que ele foi e o que padeceu para o ser!

Oscar Pederneiras não entrou para a nossa imprensa cercado dos aplausos de amigos, aclamado e julgado como triunfador. Foi um daqueles que mais guerra sofreram, foi um daqueles que mais tiveram que se bater contra a má vontade e a desconfiança de alguns e foi somente a custo de uma tenacidade de todos os dias, de todas as horas, de um trabalhar insano, de um expender de talento e de jovialidade que a poucos é dado possuir, que ele conseguiu impor-se, que ele conseguiu fazer-se alguém, neste triste meio em que os inimigos ocultos são cem vezes mais numerosos do que os amigos confessos.

Na memória de todos ainda está presente a acérrima crítica, a ferina malevolência com que eram recebidos, o mais das vezes, os seus trabalhos teatrais, trabalhos esses que apesar da crítica e apesar da malevolência eram aplaudidos pelo público, que de críticas não cogita, que de malevolências não quer saber.¹¹⁸

Hoje, que já não existe o desventurado, ninguém mais se lembra dele senão pelo que realmente era, ninguém mais diz dele outra cousa senão de que foi inteligente, bom e trabalhador.

Foi preciso que ele morresse para que muitos se recordassem do quanto fora merecedor dos carinhos e das palmas que lhe não deram, que lhe recusaram simplesmente porque, nesta cruel luta pela existência, um concorrente que é forte, um concorrente que é corajoso torna-se um perigo e um espantalho para aqueles que o não são.

Nunca se tornou tão frisante como agora, esse fato diário da nossa vida jornalística, em que um incessante maldizer dos vivos, uma perene preocupação de mexericos, de enredos e de bisbilhotices acompanhando os passos de toda a individualidade que se destaca no labutar da imprensa,

dupla, o que se relaciona com a seguinte fala de Corina: “E todos aqueles que o viram rir num dia e o souberam morto no outro”.

118 Levou à cena as revistas *Zé Caipora* (1887), *O Boulevard da imprensa* (1888), *Bendegó* (1889) e *O Sarrilho* (1890), que, aplaudidas pelo público, disputavam o espaço das produções teatrais ao lado de Arthur Azevedo e Moreira Sampaio.

cessa de repente ante um féretro para dar lugar a essa tardia justiça que se faz somente a um cadáver.

Oh! não vai nisso a mínima intenção de censura a quem quer que seja, de tornar menos puro e menos digno o pensamento daqueles que tantas e tão belas cousas disseram do pobre morto, e, se censura houvesse, seria dirigida às mil e uma bocas anônimas que se comprazem sempre em tornar cada ato, cada gesto, cada palavra de outrem em atos, gestos e palavras de criminoso ou de imbecil.

Oscar Pederneiras foi uma das vítimas da surdina maldizente, da inveja que aparenta afonia para melhor cochichar ao ouvido atento de quem a escuta, e, se a alguém possa parecer crueldade relembrar agora todo o longo combate sustentado por ele na sua tão breve existência de escritor, a cronista dirá que a crueldade assim torna-se justiça, que a crueldade que mostra toda a chaga que tanto o fez sofrer, é talvez a desforra tomada em prol, não do morto, que esse já dela não precisa, mas do vivo de há seis dias.

*

A muitos parecerá exagero essa maneira de falar de quem, agora parece ter gozado de todas as provas de amizade fornecidas por colegas e companheiros, de todos os privilégios concedidos aos talentos acatados; poucos, porém, serão aqueles que ousarão afirmar que não há muita verdade neste protesto indireto contra a sempiterna campanha da calúnia na sombra, da peçonha encoberta que tudo macula, que tudo envenena, que parte não se sabe de onde, que é pressentida e vista por todos, que a todos fere, que a todos aniquila, sem que a ninguém possa ser atribuída.

O grande mal, o inimigo onipresente contra o qual todos nós, servidores da pena, temos que nos bater, o Proteu¹¹⁹ de mil formas que nos subjuga, que nos prende, que nos morde e que nos estraçalha, é esse prurido incurável, que se encontra por toda parte, de desvendar segredos que não existem, de descobrir verdades onde não as há.

Se houvesse mais lealdade e mais indulgência para com os vivos, a justiça feita aos mortos não se assemelharia tanto a uma reparação.

Não seriam tantos os desanimados e os entristecidos, os que da vida só conhecem os amargores e os desalentos, os que entendem que na morte somente existem o descanso e a compensação de todos os terrenos males.

¹¹⁹ Mitologia grega. Deus marinho que possuía o dom da profecia.

Muitos são aqueles que buscam voluntariamente a justiça que supõem-lhes ser devida, porque na luta contra a deslealdade e a malquerença não sabem vencer.

São esses os que encontram no suicídio o remédio único, o supremo lenitivo para o seu sofrer; são esses contra os quais vem clamando o ilustrado autor dos *Vinte contos*,¹²⁰ ao mesmo tempo que apela, nominalmente, para os seus companheiros de imprensa, rogando-lhes que o auxiliem na propaganda que tem por fito sustentar as notícias que possam dar a um espírito indeciso a revolução final que o leva a pôr termo à existência.¹²¹

✱

A tarefa a que se propõe o fecundo escritor já não é nova e por mais de uma vez há sido encetada por outros, igualmente humanitários, igualmente inspirados por um grande amor ao próximo, e a nenhum foi dado ainda alcançar o almejado fim. Não será tampouco a propaganda de alguns escritores, unidos em um só pensamento, que o conseguirão; e isto simplesmente porque o noticiário, sendo um dos maiores elementos de vitalidade jornalística, não cogita de ideias humanitárias quando está em risco a sua quinta essência: a notícia de sensação.

Poderia ainda o distinto advogado apelar para um acordo entre os diversos jornais, para uma promessa mútua de abstenção de semelhantes notícias; mas todos sabem que esses convênios são precisamente feitos para não serem cumpridos. Prometem todos, e na primeira ocasião esquecem a promessa, assemelham-se elas a juras de amor, em que não acredita em ninguém, mas que todos fazem.

Não há meio de remediar as epidemias morais, ao contágio mental e o suicídio provocado pelo exemplo ou pela notícia nada mais é, do que um fato patológico, que teria um único meio de cura: a proibição absoluta,

¹²⁰ *Vinte contos e fantasia* de autoria de Valentim Magalhães.

¹²¹ Valentim Magalhães, no artigo intitulado, “Contra o suicídio” e publicado n’*O Paiz* em 25 de agosto de 1890, escreve: “Apelo, pois, para os meus colegas de imprensa que nela têm influência ou poderio como Figueiredo Coimbra, no *Diário de Notícias*; Arthur Azevedo, no *Correio do Povo*; D.Cecília [sic] Coaracy, na *Cidade do Rio*; Raul Pompeia, no *Jornal do Commercio*; Fernando Mendes, no *Diário do Commercio*; Ferreira de Araújo, na *Gazeta de Notícias*; Silva Nunes, no *Novidades*; Antônio Leitão e João Ribeiro, n’*O Paiz*; apelo, enfim, para todos os colegas que, tendo um nome respeitado nas letras ou no jornalismo, [... possam] levar por diante esta campanha humanitária, pela qual há muitos anos me empenho, e que tantos prosélitos, esparsos, já conta.”

decretada por quem de direito, da divulgação de tais notícias. Nesse caso também deviam ser suprimidos do noticiário todos os assassinatos, todas as descrições de roubo, todos os fatos enfim em que entrasse como fator a paixão humana, e sonhar semelhante cousa é sonhar uma utopia.

Demais, quem põe termo à própria vida não comete um crime, pois que não é crime eliminar aquilo que já nenhum valor tem.

O homem que chega à conclusão de que a existência não lhe oferece mais um sorriso, mais um carinho, mais um motivo de contentamento, é um inutilizado, e na batalha da vida todos os inúteis são nocivos.

Não é questão de coragem ou de covardia pôr termo à carreira da vida: é talvez simplesmente um caso de maior ou menor raciocínio.

A humanidade é uma só, pervertida sempre e má na sua essência; não acredita em reabilitações, finge somente admiti-las; não se compadece das almas enfermas, porque não as compreende, repugna-lhe o sofrimento alheio porque a incomoda no seu bem-estar, e não é dado a todos afrontar essa cruel besta-fera, que só tem escárnio para os vencidos, que só tem desprezo para os que a não sabem dominar com o relho do sucesso, com a prepotência da felicidade.

Lutar contra a humanidade, para quê? se não vale a pena viver quando a nossos olhos fogem todas as esperanças e todos os confortos!

Antes, oh! mil vezes antes o aniquilamento físico, o sono tranquilo em uma longa noite, sem sobressaltos e sem pesadelos, do que o aniquilamento da alma, do que a esperança morta, do que o interminável arquejar de todos os momentos, do que o perene palpitar de um espírito que se exaure a debater-se entre as grades de uma estreita prisão, que é filha talvez da tirania e da perversidade alheia.

Antes furtarmo-nos à humanidade do que conceder-lhe o direito de nos tomar conta da nossa desventura, seja ela qual for; pelo suicídio conquista-se a independência de todas as mesquinhas leis que nos foram impostas em hora aziaga pela adversidade e pelo preconceito.

Sobreviver a uma glória que foi nossa, a uma alegria que fugiu, à honra que nos escapa, não vale a satisfação de atirar à face do destino, como um farrapo inútil, essa vida que não lhe pedimos e que mais nada vale a nossos olhos.



4 DE SETEMBRO DE 1890

CANDIDATURAS FEMININAS

Nesta quadra em que só de eleições e de votos se vai tratando,¹²² não é de admirar que haja quem sonhe com candidaturas femininas, tanto mais que em todas as épocas de revolução política e social as inovações e os desmoronamentos de velhos usos e antigas leis são esperadas e pedidos por muitos.

Há dias ainda, cavalheiro a quem muito prezamos,¹²³ e que tem vivido algum tanto afastado da nossa existência jornalística, tentou angariar toda a nossa simpatia para a causa da emancipação da mulher, rogando-nos que estudássemos a possibilidade das candidaturas femininas ao próximo Congresso Constituinte.

Certo, nos não conhecia bem quem tal pedido nos fez, nem tampouco sabia que dos direitos políticos da mulher, da sua admissão na gerência dos públicos negócios, sempre fomos extremada adversária.

Se porventura nos restasse dúvida sobre a orientação do nosso espírito em semelhante assunto se nos arreceássemos de incorrer na

¹²² O decreto nº 78 B, de 21 de dezembro de 1889 determinou que as eleições para escolha dos integrantes da Assembleia Nacional Constituinte deveria realizar-se no dia 15 de setembro de 1890.

¹²³ Provável referência a César Zama (Caetitê, 19/11/1837 – Salvador, 20/10/1906), que se destacou como um dos grandes defensores do voto feminino na Assembleia Constituinte de 1891.

pecha de carrancismo ou de atraso intelectual, bastar-nos-ia para nos defendermos citar agora como argumento de mor valia a soberba tese de apresentação de Mlle. de Bilcesco,¹²⁴ a jovem búlgara que acaba de tomar o grau de doutor em direito, e que, apesar de toda a sua aparente masculinização, conserva-se profunda e encantadoramente feminina. Não queremos de modo algum, enxergar nela o advogado, e transcrevendo aqui algumas das suas frases, as que mais nos feriram, fazemo-lo apenas para qual a ideia que faz do assunto um preclaro espírito, que, mais do que nenhum outro, estaria no caso de pugnar pelos direitos políticos da mulher.

Em relação à posição social feminina, quer Mlle. de Bilcesco “que se coloque a mulher na mesma plana, não para usurpar as atribuições do homem, mas para ser sua igual, preenchendo ao lado dele a missão que propriamente lhe pertence. Essa missão não é somente a de servir para a perpetuidade da espécie, porém, mais que tudo para ‘educar’ aqueles que mais tarde deve[m] ser homens”.

Falando da sua posição política:

“A mulher, como o homem, faz parte de uma sociedade civil ou política, em uma palavra, de um estado; ela é, portanto, também cidadã; se a palavra tornou-se ridícula, o assunto não o é e será sempre verdadeiro.

“Deixe ela ao homem a ação exterior e política, perfeitamente; mas esta inação não deve ser indiferença.

“A mulher, com efeito, não é menos interessada na confecção das leis, no governo dos negócios públicos, na administração da justiça; pensamos todavia que não lhe convém participar deles, porque a mulher tem seus representantes e seus mandatários naturais na pessoa de seus pais, irmãos, maridos e filhos”.¹²⁵

Já não é a escritora educada nos estreitos moldes de um lar modesto e retraído, que assim se exprime; já não é a cronista acusada de ideias retrógradas que pensa de tal modo. É a doutora, a jurisperita, armada

¹²⁴ Na verdade ela era romena: Sarmisa Bilcesco-Alimănișteanu, mais conhecida apenas como Sarmisa Bilcesco (Bucareste, 27/4/1867 – 26/8/1935), advogada romena. A primeira mulher a se doutorar em direito pela Faculdade de Direito de Paris, no ano de 1890, com uma tese sobre os direitos da mãe, intitulada *De la condition légale de la mère*.

¹²⁵ Trechos da entrevista de Sarmisa Bilcescu para o *Le Temps*, publicada no dia 13 de junho de 1890, sob o título “Une doctoresse en droit” e publicada em parte n’*A Tribuna* em 2 de agosto de 1890.

para a luta com todas as munições que lhe proporcionam a ciência e o estudo, que levanta o grito de alarma contra a mulher política.

*

Procuremos agora responder ao velho amigo; para fazê-lo, abstrairmos o mais possível do assunto a nossa opinião pessoal; procuraremos alhear-nos completamente na questão, limitando-nos a encará-la apenas como observador indiferente ao triunfo ou à queda da causa.

As candidaturas femininas no nosso belo Brasil, na época atual, seriam intempestivas e absolutamente perigosas para a causa da emancipação da mulher.

A pior das mortes é a morte pelo ridículo, a morte que é provocada pelo riso e pela canção da garotada; e é ao que se arriscaria quem se afoutasse a sustentar uma candidatura feminina, por muito talento e por muita audácia de espírito que tivessem a candidata e os seus defensores.

A inovação seria demasiado brusca; a apresentação de uma senhora ao eleitorado não seria tomada a sério por quem jamais cogitou na possibilidade de votar em uma mulher; e, além de não estar o espírito popular afeito à ideia de um semelhante voo pela estrada do progresso, o próprio governo que nos rege, tão liberal e tão generoso na sua essência, negou de há muito o direito de voto à mulher, o que equivale a lhe não reconhecer idoneidade política. Como então poderia a mulher aspirar a uma posição que não existe na lei e muito menos nos hábitos de pensar de um povo, hábitos esses que são às vezes tão fortes como as leis?

Responderá alguém que todas as causas têm os seus mártires, e que a primeira candidata que se apresentasse à deputação não recuaria ante todos os sacrifícios e todos os martírios para afirmar a sua crença, para provar que nenhuma causa se lhe afigura tão bela e tão digna como a da emancipação política da mulher.

Estaria e está perfeitamente no seu direito procedendo assim. Mas é forçoso convir que ainda é demasiado cedo para sonhar com o martírio em favor de uma causa que ainda não conta adversários sérios na nossa pátria, simplesmente porque é uma causa quase desconhecida e que nem sequer existe pela longa e persistente propaganda. Embora já houvesse

quem se lembrasse de tomá-la a si, conquanto exista já um periódico¹²⁶ que a fez sua, ainda assim não será essa vaga aspiração, que não tem tido eco fora de um restritíssimo círculo de leitores e de amigos, que poderá constituir a força bastante com que possa lutar contra a onda da opinião geral.

Afrontar uma derrota certa, uma morte inglória logo ao primeiro combate; apresentar-se na liça, sem armas e sem couraça para resistir às forças adversas, eis o que seria a candidatura feminina agora. Seria mais ainda: seria acarretar o absoluto aniquilamento da causa e da bandeira que defende.

Será heroísmo esse repto à opinião pública; mas não é com certeza bom senso prático. Esperar a ocasião azada é muitas vezes a mais acertada das políticas, e se o nosso velho amigo se detiver alguns minutos a refletir, se se quiser convencer de que a cegueira nascida do entusiasmo é a pior das cegueiras, verá que não há no nosso dizer hostilidade alguma; ao contrário, encerra ele quase um conselho.

No momento atual sustentar uma candidatura feminina seria perder tempo, e hoje, todo o tempo perdido em prol de uma causa que não tem ainda vitalidade, é um crime de lesa-política.

126 Referência ao jornal *A Família*, fundado por Josefina Álvares de Azevedo, que publicou uma série de artigos intitulada “O direito de voto”.



6 DE SETEMBRO DE 1890

Dias tristes e sombrios, céus de plúmbea cor, noites sem estrelas, ventos frios e úmidos, recordando horas de desilusão e de desânimo, homens e cousas vistos através do nevoeiro intenso das suposições perversas e dos pensares pessimistas, aí está no que se resume a semana para a cronista de quem se apossou o tédio e a fadiga: combater a bico de pena essa terrível paralisia moral que imobiliza o pensamento e a vontade, lutar contra esse medonho atrofiamento de ideias e de sensações, que estanca a imaginação no cérebro e o desejo na alma, eis a tarefa do moderno Sísifo¹²⁷ da imprensa a quem caiba, porventura, a sorte de registrar os alegres fatos ou os tristes casos da semana inteira em dia de *spleen*¹²⁸ ou de coma intelectual.

Não lograriam, em casos tais, despertá-lo, nem a algazarra feita em torno da solução que teve a tão debatida questão dos *bonds*,¹²⁹ nem tão pouco a balbúrdia que vai pelo mundo político, em que pululam chapas eleitorais

¹²⁷ Mitologia grega. Foi condenado ao castigo da repetida tarefa de empurrar uma pedra até o topo de uma montanha. Ela rolava de volta toda vez que Sísifo estava quase alcançando seu objetivo, invalidando qualquer esforço empreendido por ele para o sucesso da ação.

¹²⁸ Expressão inglesa: “melancolia”.

¹²⁹ Debate sobre a arbitrária renovação da concessão das vias urbanas de bonde às companhias de Ferro-Carril, do Jardim Botânico, e Ferro-Carril, de São Cristóvão, em detrimento da contraproposta do Banco Constructor e Agrícola. As maiores queixas sobre o caso diziam respeito à tarifa dos bondes, à abertura de novas linhas e ao valor de contrato da prefeitura do Rio de Janeiro.

de todas as cores e de todos os lemas:¹³⁰ chapas avulsas e chapas coletivas, chapas que têm a aparência nobre e ampla de todas as ideias generosas, chapas estreitas e acanhadas como os programas tacanhos que nos vêm redizendo a eterna história do abismo que ameaça engolir o país, desde o momento em que a escravidão deixou de ter nome nesta terra.

Só há lugar para as chapas na imprensa paga, só em política se cuida, só em eleições se fala, e, como sempre, como ontem foi, como amanhã será, por toda parte surgem as acusações e os reptos, as defesas e os encômios, as esperanças e as ilusões.

Se por um estranho acaso, o Senhor das Nações, o Eterno Criador de todas as cousas baixasse à Terra, agora, e nos dissesse que o fatigam já os homens e as suas paixões, que o seu divino repouso exigia-lhe o termo de todos os males e de todas as venturas, não haveria político algum, não haveria um só eleitor que não clamasse, que não pedisse ao Deus onipotente que adiasse a sentença para depois do almejado dia.

As eleições primeiro, Senhor Deus, e depois acabem-se o mundo e os homens! Falem primeiro as urnas, manifeste-se antes a soberania do povo, única soberania que na Terra deva existir, e depois fale o Todo Poderoso, que anda agora em minoria, e mais tarde apareça a divina soberania, a mais problemática e a mais contestada dos hodiernos tempos.

E enquanto se espera o tão sonhado momento, enquanto não chegam “*il giorno, il luoco e l’ora*”,¹³¹ as bisbilhotices e as intrigas, os comentários e as maledicências vão se avolumando e desenvolvendo com a assustadora rapidez dos ciclones e das avalanches, tudo engolindo, tudo aniquilando, tudo arrastando no bátrio das calúnias, reputações e honras, passados méritos e videntes promessas, vitórias ganhas e lutas vencidas, tradições e provas de quanto pôde haver de grande, de bom e de nobre na existência de um homem.

Tudo quanto há de pequenino, de pueril, de miserável na alma humana, toda a mesquinharia, toda a perversidade latente do espírito e do coração parecem ir, em vésperas de eleições, aninhar-se no seio dessa mãe de todas as ambições, e, quiçá, de todos os crimes, a política.

¹³⁰ A legislação de 1890 não exigia filiação partidária para a apresentação de candidatos a membros da Assembleia Constituinte, o que levou à criação de inúmeras chapas e ao lançamento de candidaturas isoladas, favorecendo as dissidências partidárias. No pleito eleitoral ocorrido em 15 de setembro de 1890, a chapa do Partido Republicano conquistou a vitória quase absoluta.

¹³¹ Expressão italiana: “o dia, o lugar e a hora”.

Se a um inimigo implacável ocorresse a ideia de se vingar de uma afronta, nada mais lhe restaria fazer do que apresentar o seu ofensor candidato às urnas. Oh! então veria como os mais recônditos segredos, os mais escondidos mistérios apareceriam à lume, como seriam revelados e desvendados perante a embasbacada atonia dos indiferentes e dos curiosos; veria como de um nada se faz um monstro, como de uma glória se faz um crime, como da honra se faz torpeza.

E ante a magna questão do dia e durante o tempo em que dura a ansiosa expectativa dessa crise perante a qual todas as aspirações refreadas palpitam e latejam, todas as outras questões jazem na sombra, todos os outros vitais interesses da existência intelectual permanecem no marasmo e no olvido.

✱

Assim é que uma questão de plágio de que fora acusado um ausente, passou quase despercebida, e, se não fosse a hábil defesa de todos os plagiários sustentada por um ilustre dramaturgo que, aliás, mais não fez senão acompanhar as ideias já aventadas por Pedro Américo,¹³² ninguém mais se lembraria do fato, que melhor fora, para honra e dignidade de nós outros cronistas, permanecesse de todo esquecido.

A acusação já de per si tão pouco generosa, tão pouco leal, pois que era dirigida a quem se não podia defender por estar longe, a quem, pela ausência, se via na inteira ignorância de um inimigo que não ousara afrontar o escritor presente, devera ter passado, por amor dessa solidariedade de que tanto falamos e para a qual todos tanto apelamos, no mais absoluto silêncio, na mais completa abstenção de comentário.

Já, porém, que não há sido assim, já que se há tratado do assunto, com quanto muito de leve, voltemos de novo os olhos para essa triste história, somente para ver qual a lição que dela se poderia aprender.

Todo o nosso mal, todo o nosso engano em matéria de literatura, todo o nosso crime, digamos, jaz na absoluta falta de confiança que nós, brasileiros, temos no nosso próprio merecimento.

Preocupa-nos tão somente o que se faz na Europa e principalmente na França, e tanto nos habituamos a acreditar bom e perfeito aquilo que de lá nos vem, que nunca nos ocorre a ideia de que nós também poderíamos

¹³² Pedro Américo (Areia, 29/4/1843 – Florença, 7/10/1905). Publicou um estudo intitulado “O plágio” em *O Paiz*, em 26 de junho e 1, 5, 12, e 14 de julho de 1890.

ser alguém de que nós também possuímos tanta força, tanta seiva, tanto talento como o que por lá vive e vibra.

Lemos com afã tudo, tudo quanto nos envia a literatura estranha, estudamo-la, assimilamo-la e, depois de acharmo-la excelente, inconscientemente quase, tentamos fazer pouco mais ou menos aquilo, aspirando a chegar a fazer igual, nunca julgando que poderíamos fazer melhor, e sobretudo diferente.

O plágio, ou antes a associação de ideias é fatal; é a consequência lógica dessa nossa educação intelectual, e o resultado é que ainda não temos uma literatura nossa como não é nossa a arte professada aqui.

Na faina de trabalharmos, de produzirmos, de estarmos sempre em evidência, não reparamos na nossa indolência de espírito, na nossa preguiça de imaginação que nos levam a imitar em vez de criar, porque a imitação é mais fácil e mais pronta do que a criação.

Não existe, propriamente, o plágio nas nossas modernas produções literárias; existe, porém, a reminiscência de leituras feitas, existe sobretudo a vaidade de mostrarmos que aqui se pode fazer o mesmo que por outros de maior fama há sido feito.

Não há muito tempo um literato de fina ténpera, um burilador de ideias, dizia-nos que não lia romances, que não abria mais um livro de contos, para que não se lhe gravasse na memória uma só ideia alheia, um único pensamento estranho. Temia-se do “plágio inconsciente”.

É esse plágio inconsciente que constitui a nossa inferioridade, e a velha teoria do “*je prends mon bien où je le trouve*”,¹³³ a velha mania de respiçar por campos alheios vai nos atrofiando toda a originalidade, toda a nota que devemos necessariamente ter, assim como temos já um ritmo de música bem nosso, bem brasileiro, assim como temos uma indolência e uma morbidez bem característica do nosso espírito.

Um dos mais belos livros que temos lido é a *María* de Jorge Isaac,¹³⁴ um autor que, escrevendo na Colômbia, logrou, pela tradução do seu livro, a mais invejável das reputações nos círculos literários de Inglaterra

¹³³ Tradução: “E eu me desempenhei muito bem do meu encargo”. Fala de Scapino, cena II da peça *Malandrangens de Sacapino ou artimanhas de Sacapino*, de Molière, tradução de Carlos Drummond de Andrade. Esta fala refere-se a uma resposta dada pelo dramaturgo à acusação de plágio.

¹³⁴ Jorge Isaacs (Cáli, 01/4/1837 – Ibagué, 17/4/1895), escritor colombiano. Seu único romance, *María*, escrito entre 1864 e 1867, tornou-se uma das mais significativas obras do movimento romântico hispânico.

e da Norte-América onde a sua obra é tida como a mais notável produção literária que jamais haja emanado da América do Sul.

Todo o encanto desse maravilhoso livro está em que se não parece com nenhum outro: os caracteres, os personagens, o meio e os hábitos ali descritos são absolutamente novos, inteiramente desconhecidos; o formoso Vale de[1] Cauca,¹³⁵ ali fotografado, não lembra local nenhum daqueles que estamos habituados a ver em outros livros, o ar que ali se respira é outro, a vida que ali se vive é outra vida que não a da Europa; uma obra original, em que não há reminiscências de cousas lidas, um livro nacional em suma.

Lafcádio Hearn o originalíssimo autor de *Yuma*¹³⁶ o mais belo romance que se haja escrito sobre a escravidão nas Antilhas, Bret Harte,¹³⁷ Mark Twain¹³⁸ e Amelie Rives¹³⁹ fizeram da literatura americana uma literatura nova, fizeram dela alguma coisa de vibrante e de inteiramente distinto e característico; entretanto a nenhum deles foi concedido mais talento do que aos Emanuel Carneiro, aos Coelho Neto, aos Porchat de Assis e tantos, tantos outros que não quiseram ainda volver seus olhos em torno de si para encontrarem em nossa vida e em nosso meio todas as fulgurantes gemas, todas as preciosas pérolas que o seu grande talento poderia dali arrancar.

¹³⁵ Região da Colômbia situada a oeste do país.

¹³⁶ Lafcádio Hearn (Lêucade, 27/6/1850 – Okubo, 26/9/1904), escritor de ascendência greco-irlandesa, conhecido como Koizumi Yakumo, após adquirir cidadania japonesa. Publicou, em 1890, a novela *Yuma*.

¹³⁷ Bret Harte (Albany, 25/8/1836 – Camberley, Surrey, 6/5/1902), escritor e poeta estadunidense.

¹³⁸ Samuel Langhorne Clemens (Florida, 30/11/1835 – Redding, 21/4/1910), escritor estadunidense, conhecido pelo pseudônimo Mark Twain.

¹³⁹ Amélie Rives, princesa de Troubetzkoy (Richmond, 23/8/1863 – Charlottesville, 15/06/1945), novelista, poetisa e dramaturga estadunidense.



20 DE SETEMBRO DE 1890

Não serão poucos os que, ao findar-se esta semana, começada sob tão febricitantes emoções, terão dito que o melhor da festa é esperar por ela.

Falou a soberania do Povo traduzida em cédulas de mil cores... políticas, e já não é pequeno o número daqueles que entendem que a ela também vai afetando o marasmo senil que se apossa gradualmente de todas as soberanias, mesmo as mais populares.

De tantas ilusões, de tantos sonhos e de tão grandes aspirações, nada mais resta do que o exaurimento e o tédio que se seguem a todas as crises violentas.

Findou-se a campanha sem derramamento de sangue! exclamam, e não sem grande aplauso, aqueles que receavam dela extraordinárias cousas, a mínima das quais seria uma espantosa hecatombe de inocentes.

Em compensação houve largo derramamento de bÍlis, que ia afogando em amargas ondas de recriminações e perversidades um sem-número de reputações e glórias.

De toda a batalha os que mais lucraram foram, está averiguado, os alvissareiros de más novas e de mexericos, espécie esta da raça humana que em toda a parte encontra elementos de vida, muito especialmente nesta leal cidade de S. Sebastião, onde a lealdade aliás não corre parelhas com o antigo vezo que tem o próximo de se imiscuir na existência alheia.

Está terminada a luta, e a imaginação popular, um momento excitada pela expectativa e pela ansiedade em que a mantinha a corrida eleitoral,

se vai acalmando aos poucos e voltando à antiga quietação dos dias bons em que a sua curiosidade vadia se apegava ao mais leve incidente, ao mais fugaz escândalo para fazer deles um manjar de escolha.

Mais alguns dias, e é bem possível que ninguém se recorde já do que se passou, e que nem o nome de muitos dos aventureiros representantes da nação seja sabido ao certo. Então, haverá mesmo quem se dê ao trabalho de indagar quais são eles, de onde nos chegam, o que fizeram e o que pretendem fazer ainda nesse mundo onde todas as surpresas e todas as reviravoltas têm guarida: o da política.

A literatura e ao jornalismo é que não cabe o direito de queixa ao resultado das urnas, pois que entre os senadores figura um poeta¹⁴⁰ que foi em tempos laureado, por sufrágio, como o primeiro de sua geração, e entre os deputados¹⁴¹ brilha o nome de mais um talento que deve à imprensa largo quinhão das suas glórias.

*

Parece que aos poetas, até agora amimados menestréis enamorados de ideal e de luz, chegou também a vez de sentir esse intenso prurido de jornalismo que de tantos se apossa e que tamanhos desapontamentos traz consigo.

Anunciam-se nada menos de dois jornais novos, fundados sob a guarda de nomes que mais têm brilhado subscrevendo sonoros versos do que assinando artigos editoriais. De dois desses poetas contam-se, entretanto, maravilhas na boemia jornalística da Pauliceia; de um sabe a cronista que em terras paranaenses já lhe coubera a sorte de se revelar hábil diretor de jornal, e de seus artigos em prosa mais de uma vez há tido ensejo de aplaudir a graça.

Há, porém, um, entre esses quatro, que sempre se tem mantido esquivo ante o grande Minotauro de talento, o cruel devorador de vontade e de energia intelectual que é o jornalismo. A esse, que nunca buscou alento,

140 Luís Delfino (Desterro, 25/8/1834 – Rio de Janeiro, 31/1/1910), médico, político e poeta brasileiro.

141 Entre os deputados eleitos que eram jornalistas, podemos citar como referência: Alcindo Guanabara (Rio de Janeiro, 19/7/1865 – 20/1/1918); Antônio de Azeredo (Cuiabá, 22/8/1871 – Rio de Janeiro, 8/3/1936); Aristides Lobo (Mamanguape, 12/2/1838 – Barbacena, 27/3/1896); José Avelino (Aracati, 10/11/1843 – Fortaleza, 19/7/1901); Muniz Freire (Vitória, 3/7/1861 – Rio de Janeiro, 3/5/1918); Augusto Vinhais (São Luís do Maranhão, 7/1/1858 – Rio de Janeiro, 29/12/1941); Lopes Trovão (Angra dos Reis, 23/5/1848 – Rio de Janeiro, 17/7/1925); e Júlio de Castilhos (Vila Rica, 29/6/1859 – Porto Alegre, 24/10/1903).

para a sua alma sedenta de beleza e de fulgores, fora dos azulados páramos do ideal; a esse, que encontra sonho e vida na tênue fumaça que se evola do alvo cachimbo; a esse, que da formosura helênica nos veio revelando as mais belas formas; a esse, que nos descreveu a casta alvura da alcova de D. Estela¹⁴² e os sustos de Berta, a gentil;¹⁴³ a esse sonhador de puras visões quisera a cronista poder dizer: Detém-te!

Oh! certo, não conhece o austero moço todo o lodo e todo o limo, que deve revolver, atravessar e ver aquele que uma vez se deixou seduzir pela brilhante miragem dos movediços areais da imprensa.

Para um minuto, um fugaz instante de júbilo, conquistado à força de muita paz e de muita tranquilidade perdida, quantas amargas decepções, quantas acres censuras, sorvidas gota a gota, na lenta absorção da alheia crítica, nascida da “fraternal” má vontade dos irmãos de armas.

Se lhe chegar um dia a veleidade de ser franco, de não admitir imposições, de querer possuir opinião sua, e sua somente, verá, entristecido e enojado talvez, como aos poucos se vão conquistando inimizades e malquerenças, como um a um se lhe vão fugindo os amigos e os afeiçoados, para lhe surgirem aos olhos apenas rivalidades de ofício e rancores de ocasião.

Se por um triste acaso lhe não ocorrer acreditar piamente no talento transcendental de quem, porventura, haja feito da pena tão somente veículo de maledicências e de censuras, terá todos os segredos escaninhos da vida íntima varejados pela pesquisa audaz da calúnia, verá a sua individualidade arrastada através da crônica sob o disfarce de um véu tecido a meias por Tartufo¹⁴⁴ e por Sancho Pança,¹⁴⁵ servindo de pasto ao comentário torpe e às vezes acovardado de um anônimo.

Tudo lhe chegará nesta vida de jornalismo, tudo, menos a justiça. A ninguém lhe será dado fazer acreditar que o seu espírito procura alhear-se de lutas partidárias, de que o seu coração e a sua pena permanecem livres e independentes, que o seu talento vale alguma coisa justamente porque nunca se quis escravizar a alheios interesses e a alheias antipatias.

¹⁴² Poema “As três formigas”, de Alberto de Oliveira.

¹⁴³ Poema “O sonho de Berta”, de Alberto de Oliveira.

¹⁴⁴ Protagonista da comédia em cinco atos *Le Tartuffe ou l'imposteur*, de Molière, reconhecido por sua hipocrisia e disfarces.

¹⁴⁵ Personagem da novela de cavalaria, *Don Quixote de la Mancha*, de Miguel de Cervantes. Possui espírito simplório, inteligência limitada e se deixa enganar com facilidade. É de sua personalidade apresentar comportamentos como covardia e egoísmo.

Oh! detenha-se o poeta até agora incólume nesta guerra fratricida, que é mais terrível do que supõe; detenha-se, não abandone o remanso de seu lar campesino¹⁴⁶ por este calor de estufa que abrasa e estiola, que exaure e revolta; detenha-se, retroceda; fuja para bem longe, embrenhe-se por montes e vales, em companhia do amigo, do artista, do seu franco e brusco Parreiras, que vai em caminho de Teresópolis arrancar segredos à natureza, furtar raios ao sol, sombras às nuvens e frescura às águas. Mil vezes antes segui-lo através de florestas e despenhadeiros, acompanhando os passos do guia audaz, pernoitando na Gruta do caçador, alegrando-se com o expansivo riso dos joviais rapazes que seguem o mestre amado.

A vitória de um dia, ganha à custa de tantos dissabores talvez, não valerá para o poeta o inebriante prazer de repetir, à clara luz do sol nascente, nos altos píncaros que mais o aproximam do sereno céu do ideal, a sonora estrofe que nas brumas dos sonhos lhe segredara, meiga e boa, musa inspiradora.

¹⁴⁶ Residia no bairro de Engenhoca, em Niterói.



27 DE SETEMBRO DE 1890

Há sete dias apenas, a cronista apontava a um poeta a quem muito preza todos os escolhos, as amarguras todas que na vida árdua e ingrata do jornalismo iria ele encontrar, ele que pretende esquecer por momentos o sereno céu do ideal para contemplar a luta terra a terra da existência afanosa e febril da turbamulta que no jornalismo vive e no jornalismo se esvai.

Apontou-lhe então a escritora amiga os escolhos e as amarguras somente, e olvidou, nessa hora má de desalento e de tédio, que entre as urzes às vezes vicejam flores, que no extenso e movediço areal surge de tempos a tempos, tranquilo oásis, onde o esperam o repouso e a recompensa de muitos dias de desassossego e de tristeza, oásis bafejado pela severa alegria de uma aspiração realizada, de um desejo satisfeito.

São esses os momentos, fugitivos e raros, que fazem menos negra a fatigante jornada, e, embora rápido seja o trânsito pelo abençoado solo que em si oculta alento e frescura, que em si esconde a fonte de novas forças e coragem nova, a longa caminhada que ainda o espera parece-lhe menos áspera, menos pedregosa e árida.

✱

Agora escreve a cronista em momento de íntima alegria, pois que ao longo da sebe onde só esperava encontrar espinhos avista esparsos lírios e jasmims; lírios e jasmims, por niveais mãos trazidos, cândidas flores menos

alvas e menos puras do que o pensamento gentil da criança que por ali passou, incólume na sua virgindade casta, crente nas alheias virtudes, atenta apenas em trazer consolação a quem por ali vinha amargurada e desiludida talvez.

Escreve a cronista agora em momento bom, pois vê que nem a todos parece muda a sua voz, que nem sempre são palavras atiradas ao vento as palavras escritas, quem sabe? com lágrimas e com sangue, arrancadas ao mais imo do coração.

✱

Oh! perdoem hoje a escritora o sentir-se um momento ufana; perdoem-lhe o passageiro orgulho, ao menos em favor do muito fel que há tragado também. Finda-se a semana para ela, como jamais pensara que findasse; terminam-se-lhe estes sete dias em um grande jato de luz, em um fulgurar de estrelas, em um brilhar de lágrimas de júbilo, que se lhe assemelham à apoteose de todas as cousas boas e santas; e nesse imenso hino de alegrias que lhe entoa o coração, nesse borbulhar de palavras que lhe assomam fervilhando em borbotões aos lábios, e que os lábios lhe não sabem dizer, uma só ideia, um som único lhe parece repercutir no cérebro.

É o som de cadeias quebradas que lhe canta na alma, é a ideia de não mais ver a tétrica procissão dos sombrios galés percorrendo, entristecidos e míseros, acompanhados pelo medonho ritmo das correntes que se entrechocam retinindo, a larga estrada enflorescida da sua tebaida campesina; é essa ideia que lhe traz nova vida e novas forças, aliada à lembrança de que tem o direito também, oh! bem pouco, é certo, mas ainda assim consolador de tomar parte em todo esse louco, contentamento, em todo esse delírio que deve reinar na triste guarida onde se vão expiar os crimes e as faltas daqueles a quem a justiça humana puniu.

Foi a cronista um daqueles que levantaram a voz em prol dos miseráveis que, além da humilhação do seu crime, sofriam a humilhação da algema e da grillheta; foi a cronista um daqueles que se curvaram aos pés da piedosa senhora que a sorte colocou tão alto talvez para que melhor pudesse ver os infortúnios alheios, pedindo-lhe que se apiedasse dos precitos, que os apontasse ao esposo amado e por eles intercedesse. Oh! diz-lhe o coração, e este não sabe mentir, que à santa sra. Cecilia Meireles

da Fonseca¹⁴⁷ devem caber muitas das glórias e muitas das lágrimas de gratidão que o decreto de ontem, abolindo a pena de galés perpétuas¹⁴⁸ e a calceta infamante, deve ter feito nascer. A ela, pois, à modesta e retraída esmoler, que não vê seu nome ligado ao humanitário ato, larga messe desses pacíficos louros pertence.

E, já que junto à caridosa senhora de novo o pensamento conduz a folhetinista obscura, seja a esta lícito falar mais uma vez à dispensadora de tantos bens, seja-lhe permitido apontar-lhe de novo os condenados, dizendo-lhe:

— Quebrastes-lhes os grilhões, senhora; mostrai-lhes o livro agora.

*

Sim, minha senhora, escolas, escolas à farta, escolas na penitenciária! Transformem-se os ergástulos em aulas, façam-se dos criminosos homens; ensine-se a esses desgraçados, no grande evangelho do “ABC”, a lição que jamais aprenderam: diga-se-lhes que a ignorância é o mais das vezes o crime; e junto à escola abra-se a oficina, para que saiam dali, não culpados libertos; não sentenciados que cumpriram pena, mas homens reconquistados ao bem, homens regenerados pelos grandes fatores de todos os humanos triunfos: o livro e o trabalho.

E junto à aula, como junto à oficina, coloque-se de sentinela, guarda sempre vigilante e meiga sempre, a caridade, a caridade que não castiga, mas corrige, a caridade que persuade e guia!

*

É um sonho talvez, mas é tão formoso que, certo, se irá aninhar na grande alma, boa e carinhosa, da gentilíssima senhora que soube fazer da

¹⁴⁷ Mariana Cecília de Sousa Meireles da Fonseca (Rio de Janeiro, 10/2/1826 – 9/4/1905), filantropa e esposa do marechal Deodoro da Fonseca, então presidente do Brasil.

¹⁴⁸ Decreto n. 774, de 20 de setembro de 1890, declara abolida a pena de galés, a redução a 30 anos das penas perpétuas, a prisão preventiva na execução e declara estabelecida a prescrição das penas. A *Gazeta de Notícias*, de 26 de setembro de 1890, noticiou o decreto como um avanço contra as penas desumanas e cruéis impostas pelo código criminal do recém-extinto Império, afirmando serem as mesmas ineficientes para a reparação da ofensa, segurança pública ou regeneração do criminoso.

piedade um lema, e à piedade, ela bem o sabe, é concedido dar vida aos mais belos sonhos.

*

Terminam-se estes sete dias como nunca os esperara ver findar a cronista, e, após as flores oferecidas por delicadas mãos, após os cantos que se evolvem da penitenciária em festa, ainda lhe resta um contentamento, ainda lhe resta uma alegria a bafejar-lhe o espírito, alentar-lhe a alma, e serão esses talvez os que mais perdurem, serão esses os que nunca talvez se lhe esvaíam da memória.

É ainda o orgulho, é ainda a ufania que lhe murmuram ao ouvido, murmúrio em que se entremeiam gemidos de enfermos, é verdade, mas gemidos em que há também muita consolação.

*

Por duas vezes teve a *Cidade do Rio* ensejo de reclamar e de pedir uma escola de enfermeiros, e, quer partisse a reclamação da redação ou da crônica, pouco importa; à *Cidade do Rio* cabe um quinhão de glória, pois foi ela talvez a única folha que se lembrou de que a arte de cuidar dos enfermos é tão santa e tão digna como a que os males lhes cura.

Uma escola de enfermeiros temos vindo nós pedindo desde o assassinato da sra. Asty, desde o êxodo das irmãs que tinham a seu cargo o Hospício de Alienados, e hoje, que até nos chega a nova de que não foi em vão o pedido feito, hoje que temos a certeza de ter também a outros parecido justa e boa a reclamação, perdoem ainda à cronista a extrema vaidade que sente ao saber que já se cogita de tal assunto.

Crie-se a escola de enfermeiros, tornem-na tão respeitada como a que é sementeira de tantos e tão belos talentos médicos, façam dela a estufa de onde nasça a confiança e o repouso para o médico, o conforto para os que do carinho, da vigilância e da paciência de quem os vela tanto e tanto dependem, e estarão bem recompensados dos esforços empregados em prol da sua existência aqueles que a tiverem ideado, quando ouvirem do enfermo restabelecido, ou do moribundo a quem rodeiam todos os desvelos que lhe podem dar a ciência e a caridade, a frase com que todos nós galardoamos aos que bem fizeram pelos sofredores e pelos aflitos:

— Abençoados sejam!

As crônicas apresentadas nesta coletânea fazem parte do *Cidade do Rio*, periódico que circulou entre 28 de setembro de 1887 e 30 de junho de 1902. Este é o quarto volume que vem a público e integra o projeto *Corina Coaraci: resgate de uma obra*, cuja finalidade é reunir a produção da escritora dispersa em periódicos. No *Cidade do Rio*, Corina Coaraci ingressou como colaboradora em janeiro de 1890, escrevendo para a coluna semanal denominada “A Esmo”.

Nesta coluna, a escritora aborda temas polêmicos, entre os quais destacamos o divórcio e a condição da mulher na sociedade, candidaturas femininas, comentários sobre crimes passionais, além de trazer textos sobre a vida mundana carioca. As crônicas que compõem esta coletânea vêm acompanhadas de notas de pesquisa destinadas à sua contextualização histórica, cultural e literária.

O primeiro volume, *Modos e Modas: usos e costumes*, foi dedicado às crônicas escritas e publicadas em *A Folha Nova*; o segundo reuniu as crônicas estampadas em *O Paiz*; o terceiro apresentou os textos publicados na *Ilustração do Brasil*; e o quinto volume a ser publicado reunirá as crônicas publicadas na *Ilustração Popular*.